

**FACULDADE CAICOENSE SANTA TERESINHA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

ANNA CLARA DANTAS DA SILVA

**“VOCÊ PODE SER O QUE QUISER, MAS NÃO TUDO AO MESMO TEMPO”:
REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO E DO SOFRIMENTO PSÍQUICO FEMININO
EM BARBIE (2023)**

**CAICÓ/RN
2025**

ANNA CLARA DANTAS DA SILVA

**“VOCÊ PODE SER O QUE QUISER, MAS NÃO TUDO AO MESMO TEMPO”:
REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO E DO SOFRIMENTO PSÍQUICO FEMININO
EM BARBIE (2023)**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Teresinha, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Professor(a) Orientador(a): Prof^a. Esp Andreza Lourenço da Silva

CAICÓ/RN

2025

CATALOGAÇÃO NA FONTE
Faculdade Caicoense Santa Teresinha
Biblioteca Prof^a. Suzana Lago Nobre

S586v SILVA, Anna Clara Dantas da.

Você pode ser o que quiser, mas não tudo ao mesmo tempo: representações do trabalho e sofrimento psíquico feminino em barbie (2023). / Anna Clara Dantas da Silva. – Caicó, RN, 2025.

64 f.

Orientador(a): Prof^a. Esp. Andreza Lourenço da Silva.

Monografia (Bacharelado em Psicologia) – Faculdade Caicoense Santa Teresinha. Curso de Graduação em Psicologia.

1. Mulheres - Monografia. 2. Saúde Mental - Monografia. 3. Trabalho - Monografia. 4. Filme Barbie - Monografia. I. Silva, Anna Clara Dantas da. II. Faculdade Caicoense Santa Teresinha. III. Título.

RN/BU/FCST

CDU 159.9

ANNA CLARA DANTAS DA SILVA

“VOCÊ PODE SER O QUE QUISER, MAS NÃO TUDO AO MESMO TEMPO”:
REPRESENTAÇÕES DO TRABALHO E DO SOFRIMENTO PSÍQUICO FEMININO
EM BARBIE (2023)

Monografia de graduação apresentada ao Colegiado do Curso de Bacharelado em
Psicologia da Faculdade Caicoense Santa Teresinha (FCST), como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em ____/____/____.

Prof^a. Andreza Lourenço da Silva
Orientador(a)
Faculdade Caicoense Santa Teresinha

Prof.^a Me. Camila Carla Dantas Soares
Faculdade Caicoense Santa Teresinha

Prof. Dr. Antonio Leonardo Figueiredo Calou
Faculdade Caicoense Santa Teresinha

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às mulheres que me antecederam e às que caminham ao meu lado. Àquelas que, mesmo diante do cansaço, continuam criando caminhos possíveis. À minha mãe, que me sustentou com amor, força e compreensão ao longo dessa jornada, e ao meu pai, que tornou o percurso mais leve.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe e ao meu pai, pelo apoio incondicional, pelo incentivo, pela confiança e pela força durante toda a minha trajetória acadêmica. Agradeço à instituição de ensino e à minha orientadora, que contribuíram para a minha formação e ampliaram meu olhar crítico sobre o mundo e sobre mim mesma.

Por fim, agradeço às mulheres que inspiraram este estudo: aquelas retratadas no filme *Barbie*, as que encontrei na literatura acadêmica e, sobretudo, as que encontro na vida real. Que este trabalho contribua, mesmo que modestamente, para que possamos seguir pensando, nomeando e transformando as formas de adoecimento que nos atravessam.

RESUMO

O presente trabalho investiga a relação entre mulheres, adoecimento e trabalho na sociedade contemporânea, utilizando como objeto de análise o filme *Barbie* (2023), dirigido por Greta Gerwig. A pesquisa busca compreender como a narrativa cinematográfica representa as contradições da experiência feminina, notadamente a tensão entre os ideais de empoderamento/sucesso profissional e o adoecimento mental resultante da sobrecarga e das múltiplas jornadas impostas às mulheres. Neste sentido, o estudo propõe que a narrativa de Gerwig expõe o "Mundo Barbie" como uma metáfora da falência do empoderamento neoliberal quando desassociado de mudanças estruturais, sustentando que a busca incessante por valor e produtividade funciona como um fator estruturante do adoecimento mental feminino. Com abordagem qualitativa, a metodologia empregada será a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), em articulação com a análise fílmica, aplicadas à seleção e interpretação de cenas do filme. Serão analisadas as representações sobre as jornadas de trabalho, autocobrança e sofrimento psíquico, articulando-as com os debates teóricos sobre gênero, mercado de trabalho e saúde mental da mulher na contemporaneidade. Espera-se que a pesquisa contribua para a reflexão crítica sobre a vinculação do valor à produtividade e o sucesso profissional, bem como discuta os impactos psicossociais da desigualdade de gênero e da sobrecarga no ambiente de trabalho. A pesquisa pretende, assim, por meio do filme *Barbie*, promover reflexões sobre as experiências femininas em relação ao trabalho, investigando de que modo a narrativa revela tanto o potencial de reconhecimento quanto os riscos de sofrimento psíquico associados à busca por valor e produtividade.

Palavras-chave: Mulheres; Saúde mental; Trabalho; Filme *Barbie*.

ÍNDICE DE IMAGENS E GRÁFICOS

Figura 1 -	A boneca original aparece pela primeira vez no filme Barbie	18
Figura 2 –	Barbie e Ken chegam ao mundo real	26
Figura 3 –	Barbie fugindo dos executivos da Mattel	28
Figura 4 –	Barbie conhecendo a Kendom	30
Figura 5 –	Barbie e Ken são presos	33
Figura 6 –	Barbie e Ken conversam com uma mãe na escola	36
Figura 7 –	Desenhos de Glória, que retratam a Barbie estereotipada rompendo com o ideal de perfeição da boneca	40
Figura 8 –	Barbie se sentindo culpada pela Barbielândia se transformar na Kendom	42
Figura 9 -	Propaganda retratada do filme vendendo a Barbie Depressão	49
Figura 10 -	Monólogo da Gloria sobre Mulheres	53
Figura 11 -	Barbies comemorando após retomar a Barbielândia	55
Figura 12 -	Sasha incentiva sua mãe a falar sua ideia para executivos da Mattel	57
Figura 13 -	Barbie escolhe ser humana	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	14
3 RESULTADOS	16
3.1 Criação e Imaginário Social da Barbie	16
3.2 Trabalho	23
3.3 Saúde Mental	36
3.4 Autonomia - Escolha pelo Real versus ideal	51
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
5 REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

O filme *Barbie* retoma o conceito original da boneca de Ruth Handler, ressignificando-a à luz dos debates contemporâneos sobre identidade, trabalho e saúde mental. Nesse sentido, slogans como “Você pode ser o que quiser” são redefinidos pelo filme, que problematiza as contradições entre possibilidade e pressão, liberdade e exaustão. Por isso, slogans como esse se consolidaram como um marco cultural, reforçando a crença de que meninas poderiam ocupar qualquer espaço, ascender socialmente e construir autonomia por meio do trabalho.

Essa perspectiva, ao longo do tempo, foi reforçada em campanhas, como a “*Imagine The Possibilities*”, lançada em 8 de outubro de 2015 pela Mattel. Nesse comercial, a empresa apresenta crianças exercendo diversas profissões, como veterinária, técnica de futebol, empresária e professora. A campanha utiliza a magia da infância e o ato de brincar de Barbie, para transmitir uma ideia clara: mulheres possuem possibilidades profissionais ilimitadas, da infância à vida adulta. Essa ideia se forma nas brincadeiras cotidianas, fortalecendo a essência da boneca. Desse modo, a campanha reafirma que a imaginação infantil molda expectativas futuras, promovendo representatividade e inspirando meninas por meio da diversidade de papéis, um ideal que o filme recupera criticamente ao revelar os limites e tensões que esse discurso não dava conta de nomear.

Assim, desde sua criação, a Barbie representou uma ruptura ao propor que as mulheres poderiam assumir papéis antes restritos aos homens, sobretudo no mundo do trabalho. De acordo com reportagem publicada em 2023 na revista *Forbes*, assinada por Marisa Dellatto, a Mattel foi fundada em 1945 por Ruth Handler. A autora relata que a inspiração para a criação da boneca surgiu a partir da observação de Ruth ao ver sua filha, Barbara, brincar com bonecas de papel. “Ela era uma empreendedora e uma líder corporativa, em um setor onde não havia mulheres nesse patamar, em uma época em que elas não deveriam estar nessa posição”, afirma Gerber em entrevista à *Forbes* (Dellato apud Javornik, 2023).

Com base nisso, é evidente que a criadora compreendia as aspirações das meninas que, mesmo muito jovens, sonhavam com autonomia e reconhecimento. Em sintonia com essa mensagem, mulheres adultas, como Ruth, desafiavam as normas de gênero ao conquistarem funções tradicionalmente reservadas aos homens

(Javornik, 2023). O sucesso da boneca, aliás, confirmou a percepção de Ruth: havia um desejo latente, tanto nas crianças quanto nas mulheres, por representações femininas que ultrapassassem o papel doméstico e apontassem para possibilidades de autoria e conquista.

Ainda segundo Dellatto (2023 apud Javornik, 2023), a estreia oficial da Barbie aconteceu em 1959, durante a Feira de Brinquedos Americana, em Nova York. Com a exibição de seu primeiro comercial na televisão norte-americana, as vendas dispararam: cerca de 300 mil unidades foram adquiridas, cada uma ao preço de três dólares (Javornik, 2023). Contudo, mesmo diante de boas expectativas e o olhar visionário de Ruth sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho que de fato trouxe avanços significativos para a sociedade, este também deixou lacunas: os papéis sociais atribuídos aos homens não foram devidamente problematizados.

Essa questão é evidenciada no filme *Barbie* (2023) pelo personagem Ken e pelos Kens, que assumem o poder da Barbielândia, mas carecem de uma identidade profissional própria. Contudo, é importante ressaltar que a representação da Barbie, embora revolucionária ao incentivar a ocupação de espaços profissionais, não contemplou a totalidade da experiência feminina. A boneca reforçou a noção de que o valor da mulher está centrado na carreira, negligenciando que, historicamente, as mulheres sempre ocuparam múltiplos espaços, incluindo a esfera doméstica e o cuidado com os filhos, tarefas culturalmente naturalizadas como femininas.

Portanto, à medida que houve uma revolução em favor da inserção da mulher no mercado de trabalho, não ocorreu um movimento equivalente em relação à inserção dos homens no trabalho doméstico e no cuidado com a família. Esse desequilíbrio se reflete, nas chamadas jornadas múltiplas assumidas por muitas mulheres na atualidade: trabalho remunerado, trabalho doméstico e trabalho de cuidado, dimensões que permanecem em grande parte invisibilizadas.

O filme toca nesse ponto ao apresentar a personagem Glória, que, no mundo real, encarna as múltiplas jornadas: é mãe, trabalhadora, esposa e dona de casa. Em um dos momentos mais marcantes da narrativa, ao encontrar a Barbie estereotipada, que está lidando com sentimentos de insuficiência, Glória profere um discurso comovente que traz à tona o peso das expectativas sociais que recaem sobre o gênero feminino:

É literalmente impossível ser mulher. Você é tão linda e tão inteligente, e me mata saber que você não se acha boa o suficiente. Tipo, temos

que ser sempre extraordinárias, mas, de alguma forma, estamos sempre fazendo errado. Você nunca deve envelhecer, nunca ser rude, nunca se exibir, nunca ser egoísta, nunca cair, nunca fracassar, nunca demonstrar medo, nunca sair da linha. É muito difícil! É muito contraditório e ninguém lhe dá uma medalha ou lhe diz obrigado! E acontece que, na verdade, você não só está fazendo tudo errado, como também tudo é culpa sua. Estou tão cansada de ver a mim mesma e todas as outras mulheres se enrolando para que as pessoas gostem de nós. E se tudo isso também se aplica a uma boneca que representa apenas mulheres, então eu nem sei” (Barbie, 2023).

Essas contradições, quando analisadas sob a ótica da Psicologia, revelam consequências significativas para a saúde mental das mulheres. O acúmulo de funções e a necessidade constante de validação social contribuem para o estresse, a ansiedade e o sentimento de inadequação. A exigência de corresponder a padrões estéticos enquanto se demonstra competência em um espaço de trabalho ainda marcado pela hegemonia masculina intensifica a exaustão emocional.

A manutenção das jornadas múltiplas pode levar ao adoecimento psíquico, manifestando-se em quadros como a síndrome de burnout, depressão ou baixa autoestima (Reis, 2025). Em síntese, o que inicialmente se apresenta como libertação e empoderamento feminino carrega também o peso de novas formas de opressão, que impactam diretamente o bem-estar psicológico.

Esse processo se intensifica na sociedade atual, fortemente marcada pela tecnologia, pela mídia e pela lógica globalizada, a cobrança estética sobre as mulheres assume proporções intensas e, muitas vezes, desmedidas. A aparência passa a ser entendida como um marcador central de valor social, pertencimento e reconhecimento, capaz de interferir tanto em conquistas quanto em fracassos pessoais e profissionais (Ferraz; Serralta, 2007 *apud* Pereira; Neto; Leite 2023).

Fugir dos padrões estabelecidos significa correr o risco de ser colocada à margem, ficando vulnerável a experiências de preconceito, discriminação, constrangimento e exclusão. Esse cenário afeta diretamente a forma como as mulheres constroem sua percepção de si, especialmente no que diz respeito à autoimagem e à autoestima. Sob esse olhar social constante, cria-se uma distância difícil de superar entre o corpo real, que é vivido, e o corpo idealizado, que é incessantemente perseguido (Bourdieu, 1999 *apud* Pereira; Neto; Leite 2023).

Marcas naturais do tempo ou da experiência, como sinais de envelhecimento ou transformações decorrentes da maternidade, tornam-se motivos de julgamento e rejeição. Essa crítica é evidenciada no filme na cena em que Barbie se depara com

as primeiras celulites e com os pés chatos, que já não se ajustam aos impecáveis saltos altos. A partir desse momento, orientada pela Barbie Estranha (Kate McKinnon), personagem marginalizada, ela descobre a necessidade de ir ao Mundo Real para compreender e enfrentar o que está acontecendo. Ela, então, deixa sua Casa dos Sonhos e embarca em uma jornada simbólica, viajando de carro, avião, bicicleta e foguete. Essa sequência de viagem, de forma irônica, reforça também a lógica mercadológica e o consumismo constantes que envolvem o universo da boneca (Barbie, 2023).

Diante dessa pressão estética, instala-se uma corrida pela adequação aos padrões de beleza amplamente difundidos, mobilizando recursos cotidianos (dietas e exercícios físicos) e práticas mais invasivas (procedimentos estéticos e cirurgias plásticas). Para alcançar padrões estéticos rigidamente estabelecidos, muitas jovens podem, inclusive, se sentir pressionadas a ingressar precocemente no mercado de trabalho, utilizando a remuneração como via para custear procedimentos e produtos.

Essa lógica de consumo, tem ganhado evidência em campanhas atuais, o Grupo Boticário divulgou a pesquisa “Skincare Infantil, 2025”, mostrando que 62% das meninas que utilizam produtos anti-idade são influenciadas pelas redes sociais. No vídeo da campanha “Pacto Skincare Responsável”, observa-se como conteúdos produzidos por mulheres adultas circulam sem filtros entre meninas mais jovens, que passam a reproduzir rotinas de skincare sem compreender suas funções ou impactos.

O vídeo evidencia um fenômeno contemporâneo: a antecipação do autocuidado transformado em consumo, no qual a busca por pertencimento e validação social se sobrepõe ao entendimento crítico sobre o próprio corpo. Dessa forma, a pressão estética deixa de ser apenas um ideal a ser perseguido e se converte em mais uma camada de cobrança que atravessa a subjetividade feminina desde a infância. Esse movimento se insere em um cenário ainda mais complexo: além da busca pela adequação estética, as mulheres enfrentam um mercado de trabalho historicamente estruturado sob a hegemonia masculina.

Mesmo diante de evidências que demonstram que elas chegam mais qualificadas e preparadas para as funções (Corsini, 2022), a desigualdade persiste, impondo barreiras adicionais. Em suma, a experiência feminina é marcada por uma dupla exigência: de um lado, a correspondência a padrões de beleza que legitimam sua aceitação social e, de outro, a necessidade de afirmar sua competência em um ambiente profissional que ainda privilegia a presença masculina.

O presente trabalho tem como tema a relação entre mulheres e o trabalho, analisada a partir do filme *Barbie* (2023), dirigido por Greta Gerwig. O objeto de pesquisa escolhido justifica-se pelo impacto cultural do longa, que mobilizou debates sobre identidade, gênero, mercado de trabalho e saúde mental feminina. Ao mesmo tempo em que a obra apresenta um universo lúdico e aparentemente idealizado, revela contradições profundas vividas pelas mulheres no mundo contemporâneo, especialmente em relação às exigências de produtividade, perfeição e reconhecimento social.

A motivação para a escolha deste tema surge da crescente visibilidade que o adoecimento feminino vem ganhando nas últimas décadas. Pesquisas apontam que jovens mulheres estão entre as mais afetadas por transtornos emocionais relacionados à ansiedade, depressão e esgotamento, sintomas frequentemente vinculados às exigências do mercado de trabalho e às múltiplas funções sociais que desempenham.

O relatório *Esgotadas*, da ONG Think Olga (2023), corrobora essa realidade ao indicar que 45% das mulheres brasileiras apresentaram algum tipo de sofrimento mental no contexto pós-pandemia, sendo a ansiedade o mais prevalente, afetando 35% das entrevistadas. Esses dados evidenciam que o tema não se limita a uma questão individual, mas se relaciona a fatores sociais, econômicos e culturais que atravessam o cotidiano feminino.

Nesse sentido, o diálogo com o filme *Barbie* articula representações culturais às vivências concretas das mulheres. A narrativa, ao mesmo tempo irônica e crítica, problematiza como a busca pelo valor e reconhecimento através do trabalho pode se transformar em uma fonte de exaustão. A personagem central, ao transitar entre a “Barbielândia” e o “Mundo Real”, expõe as tensões entre ideais inalcançáveis e as condições sociais concretas que estruturam a vida feminina.

Diante desse panorama, a pergunta-problema que orienta esta pesquisa é: de que forma o filme *Barbie* (2023) representa a relação das mulheres com o trabalho e como essa representação se articula com os processos de adoecimento psíquico vividos por mulheres na contemporaneidade? Desse modo, o objetivo geral deste trabalho é analisar como o filme *Barbie* retrata as experiências femininas no trabalho e os impactos desse contexto no adoecimento das mulheres. Como objetivos específicos, pretende-se: (1) discorrer sobre a criação e representação da boneca Barbie (2) articular como o filme evidencia o conflito entre o ideal de perfeição

produtiva e a sobrecarga vivida pelas mulheres (3) Investigar de que maneira as relações de trabalho contribuem para o adoecimento das mulheres.

2 METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, delineada como uma análise documental centrada na obra audiovisual *Barbie* (2023). O método de interpretação central é a Análise de Conteúdo, conforme sistematizada por Laurence Bardin (2011), complementada por um procedimento preliminar de Análise Fílmica, para a constituição e coleta do *corpus*.

A articulação metodológica se justifica pelo objeto: a Análise Fílmica atua como um dispositivo de coleta de dados, permitindo identificar, selecionar e transcrever cenas, diálogos e elementos visuais e sonoros que expressam tensões entre o imaginário social, o trabalho feminino e o adoecimento feminino no filme *Barbie* (2023). A Análise de Conteúdo garante rigor interpretativo e a inferência, estruturando a leitura crítica do material.

O corpus é delimitado por sequências narrativas e audiovisuais do filme *Barbie* (2023). A organização da pesquisa segue as três etapas da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, interpretação e inferência.

As categorias de análise foram construídas a partir de critérios semânticos, garantindo que os elementos narrativos e audiovisuais fossem agrupados por temas convergentes. Dessa forma, o presente estudo organiza seu corpus em quatro categorias: Criação e Imaginário Social da Barbie, Trabalho, Saúde Mental e Autonomia.

A interpretação das categorias será realizada em diálogo constante com a literatura científica estabelecida nos campos dos estudos de Gênero, Psicologia do Trabalho e Saúde Mental.

O trabalho organiza-se em quatro capítulos que estruturam a análise proposta: inicialmente, apresenta-se a criação da Barbie e seu papel no imaginário social, evidenciando como a personagem constrói e dissemina modelos de feminilidade. Em seguida, discute-se a relação das mulheres com o trabalho, articulando desigualdades, expectativas e pressões refletidas na narrativa do filme. O terceiro capítulo aborda a saúde mental feminina, examinando como sobrecarga, padrões e

exigências simbólicas favorecem processos de adoecimento contemporâneo. Por fim, analisa-se a autonomia e a tensão entre o ideal e o real, destacando como a escolha da protagonista expressa a busca por autenticidade e sentido na experiência feminina.

Tabela 1 - Categorias e critérios de seleção das cenas do filme

Categoria Analítica	Foco semântico (Critérios de seleção das cenas)
Criação e Imaginário Social da Barbie	Elementos que representam símbolos de feminilidade, perfeição e ideais normativos associados à boneca; referências à criação histórica da Barbie; cenas que expressam expectativas sociais sobre o que significa “ser mulher”; presença de padrões estéticos, estereótipos de gênero e idealizações de vida perfeita; representações que reforçam ou tensionam o imaginário social produzido pela Mattel e pela cultura de consumo.
Trabalho	Cenas que abordam o desempenho de papéis profissionais, responsabilidade produtiva, divisão sexual do trabalho e desigualdades entre Kendom e Barbielândia; situações que evidenciam sobrecarga, meritocracia, múltiplas jornadas, exploração emocional e demandas do sistema produtivo; momentos em que o filme critica estruturas laborais que afetam mulheres; expressões de cobrança, produtividade e pressão por excelência.
Saúde Mental	Sequências que tematizam o adoecimento emocional das mulheres: crises de ansiedade, rupturas da perfeição, episódios de sofrimento psíquico, pensamentos automáticos (“ideias da morte”), tristeza e perda de funcionalidade; cenas que ilustram as tensões entre exigências externas e fragilidade interna; momentos que simbolizam colapso subjetivo diante das demandas estéticas e laborais; representações de vulnerabilidade emocional.
Autonomia – Escolha pelo Real versus Ideal	Cenas que exibem dilemas de escolha, processos de tomada de decisão e conflitos entre ser “ideal” e ser “real”; trechos em que a personagem questiona o sentido de existir apenas como função social; símbolos de liberdade e autenticidade; tensões entre destino imposto e autoria da própria vida; aspectos interseccionais que evidenciem como raça, estética, classe e gênero moldam a possibilidade de autonomia; metáforas visuais que indiquem ruptura com padrões e busca por autenticidade especialmente a escolha final

	de Barbie pelo mundo real.
--	----------------------------

3 RESULTADOS

3.1 Criação e Imaginário Social da Barbie

O imaginário social em torno da Barbie foi construído a partir de uma narrativa de sucesso, beleza e liberdade feminina, que reflete as profundas transformações culturais e econômicas ao longo das últimas décadas. Desde seu surgimento, a boneca foi associada à ideia de que a mulher moderna pode ocupar qualquer espaço, seja médica, astronauta, empresária ou presidente, contando que não abdique da feminilidade, da aparência impecável e do otimismo constante.

Essa representação, portanto, consolida-se como um ideal de vida no qual a realização pessoal e profissional se entrelaça com o consumo de produtos e estilos de vida. Desse modo, a Barbie não apenas reflete as expectativas sociais sobre o feminino, mas as reforça, alimentando um imaginário que transforma a autonomia em performance e a felicidade em mercadoria.

Contudo, a análise desse fenômeno social revela as contradições de uma sociedade que, embora exalte a mulher independente, a limita em um ciclo incessante de autovigilância e comparação. A promessa de “poder ser o que quiser” está intrinsecamente atrelada à exigência de “ser tudo ao mesmo tempo”, o que gera uma pressão silenciosa sobre o feminino, que passa a ter seu valor medido pelo desempenho em todas as esferas da vida. O imaginário da Barbie, portanto, traduz as tensões centrais desta pesquisa: autonomia e controle, ideal e realidade, felicidade e exaustão. Essa dualidade que expressa o modo como o capitalismo emocional molda a subjetividade feminina e naturaliza o sofrimento sob a aparência de sucesso e realização.

A história da Barbie tem início quando Ruth Handler percebeu a ausência, no mercado norte-americano, de bonecas que representassem mulheres adultas. Embora associando sua inspiração à forma como a filha brincava, a proposta refletia principalmente sua própria compreensão sobre as possibilidades de ampliar o imaginário infantil para além da maternagem.

Convencida de que havia um público disposto a consumir uma boneca com aparência adulta, Ruth passou anos tentando persuadir os designers da Mattel, inclusive seu marido, Elliot Handler, de que esse modelo poderia ser inovador e comercialmente viável. A inspiração surgiu enquanto observava sua filha, Bárbara, brincar com as amigas no início da década de 1950. Na casa da família, situada na região de Beverlywood, em Los Angeles, Ruth escutava as meninas se divertindo com bonecas de papel durante as brincadeiras de faz-de-conta.

Naquele período, o mercado era dominado por brinquedos de papel que retratavam animais, bebês, famílias, personagens folclóricos e crianças. Contudo, Ruth percebeu que as meninas se interessavam especialmente por um tipo específico de figura: mulheres adultas que apareciam nas revistas em quadrinhos (Geber, 2023). Logo após a Segunda Guerra Mundial, os editores começaram a incluir esse tipo de boneca nas publicações para atrair leitoras, incentivando-as inclusive a enviar ideias de roupas, as melhores sugestões vinham acompanhadas do nome da autora ao lado do modelo criado e muitas dessas figuras eram apresentadas como modelos, uma profissão que justificava as frequentes trocas de roupa e o *glamour* das cenas ilustradas. Ruth percebeu que as meninas usavam bonecas de papel para encenar diálogos e imaginar vidas adultas, projetando-se nesses papéis (Geber, 2023).

No entanto, as abas frágeis das roupas e o formato plano dessas bonecas limitavam as possibilidades de brincadeira, o que levou Handler a problematizar esse modelo e a refletir sobre a necessidade de uma boneca tridimensional, com corpo adulto e roupas de verdade. A partir dessa inquietação, passou a idealizar uma mulher em miniatura, produzida em plástico moldado, com vestimentas realistas, maquiagem e unhas pintadas (Geber, 2023).

Na época, já existiam algumas bonecas associadas ao universo da moda, como *Dollikin*, *Little Miss Ginger*, *Sindy* e *Miss Revlon* (Geber, 2023). Apesar de serem comercializadas como “adolescentes”, apresentavam corpos infantis, ainda que maquiados e penteados, com proporções pouco coerentes. Essas características destoavam da proposta que vinha sendo elaborada pela criadora, que avaliava tais bonecas como desajustadas, por colocarem corpos infantis em contextos adultos, o que tornava o conceito pouco consistente (Geber, 2023).

Ruth idealizava uma boneca mais refinada e realista, que representasse uma mulher adulta moderna. Geber (2023) aponta que sua inspiração veio de tirinhas como *Tillie the Toiler* e *Harold Teen*. Tillie, por exemplo, era retratada como uma jovem

trabalhadora elegante e independente, sempre ligada ao universo da moda, modelo do tipo de feminilidade adulta que Handler buscava traduzir na boneca.

Ao idealizar e planejar a criação da boneca, Ruth enfrentou resistência dos fabricantes, que pareciam incapazes de compreender a sensibilidade e as sutilezas necessárias para o valor imaginativo que ela vislumbrava. As bonecas existentes, com rostos infantis, eram cômicas quando vestidas com trajes adultos. Ruth defendia que era impossível para as adolescentes se identificarem e brincarem de forma autêntica com bonecas que ainda remetiam à infância (Geber, 2023).

A inovação das bonecas *fashionistas*, que surgiu nos anos 1950, marcou o fim do domínio das bonecas bebê. Esse momento é explicitamente retratado no início do filme da Barbie (2023). Na cena de abertura, as meninas, ao verem a gigante boneca Barbie quebram suas bonecas bebês, em um ato simbólico de referência à maternidade compulsória.

Figura 1 – A boneca original aparece pela primeira vez no filme Barbie



Fonte: Barbie (2023)

Na mesma cena, a narradora Helen Mirren diz: “Desde o início dos tempos, desde a existência da primeira menininha, existiam bonecas. Mas as bonecas eram sempre e para sempre, bonecas de bebês. As meninas que brincavam com elas, só poderiam brincar de ser mães. O que pode ser divertido, pelo menos por um tempo.

Pergunte à sua mãe” (Barbie, 2023). Essa narrativa reforça a ideia de que a Barbie surgia para inaugurar uma dimensão de perspectivas, acompanhando o mundo pós-guerra em formação.

Embora houvesse inovação e inserção de novos brinquedos no mercado, além do desenvolvimento de novos materiais, como os plásticos e o vinil, que possibilitaram a criação de brinquedos menores e com mais detalhes, os varejistas permaneciam presos ao conservadorismo da época. As meninas continuavam sendo incentivadas a sonhar com o casamento e a maternidade como seus maiores objetivos (Geber, 2023). Portanto, as bonecas bebês ainda dominavam o mercado, reforçando valores tradicionais. As empresas de brinquedos e seus designers, majoritariamente masculinos, seguiam esse mesmo padrão.

Diante desse contexto cultural, Ruth e Elliot, embora interessados em ingressar no ramo das bonecas, decidiram fazê-lo de forma diferente. “Jamais entramos em um negócio da mesma forma que os outros, nunca copiamos ninguém”, recordava Ruth (Geber, 2023). No entanto, ao apresentar a proposta de criar uma boneca com aparência adulta, Elliot demonstrou resistência, argumentando que mães não aceitariam comprar para suas filhas uma boneca com características corporais adultas. Apesar do apoio que Ruth recebia em outros aspectos, a equipe, composta exclusivamente por homens, acabou concordando com a posição de Elliot.

Acostumados a lidar com brinquedos como armas, foguetes, instrumentos musicais e objetos mecânicos, eles consideravam a proposta de Ruth fora dos limites do imaginável. Argumentavam que as mães ficariam horrorizadas com uma boneca de aparência sexualizada e que os pais rejeitaram a ideia de um brinquedo com tantas curvas (Geber, 2023).

Além disso, asseguravam que produzir uma pequena boneca de plástico com o nível de detalhe desejado seria impossível ou teria um custo inviável. Os altos custos com moldes, maquinários e salários, em um contexto marcado pelo pós-guerra, faziam com que o projeto fosse considerado uma aposta arriscada. Diante desse cenário, parte dos designers questionava a atuação de Ruth, sugerindo que ela se restringisse às funções de gerenciamento e marketing. Ainda assim, esse tipo de oposição funcionava como estímulo para sua persistência. Determinada, Ruth manteve a defesa da ideia, mesmo com o impasse se prolongando ao longo do tempo, período em que sua filha Bárbara já ingressava na adolescência e continuava a brincar com bonecas de papel (Geber, 2023).

Então, em 1956, durante uma viagem de férias em família pela Europa, Ruth encontrou o que faltava para transformar sua visão em realidade. Em uma das paradas, entre as prateleiras de uma loja, uma boneca de plástico chamada Lilli despertou sua atenção. A boneca era alongada, com traços caricatos e roupas deslumbrantes.

Embora Bárbara já tivesse passado da idade de brincar, Ruth ofereceu-se para comprar uma para que a filha enfeitasse o quarto. A garota ficou tão encantada, que teve dificuldade em escolher. Ruth tentou adquirir os trajes separadamente, mas foi informada de que isso não era possível: cada conjunto vinha obrigatoriamente com uma boneca (Geber, 2023). Em Viena, mãe e filha encontraram Lilli novamente.

Convencida de que os fabricantes erraram ao não vender as roupas separadamente, Ruth comprou várias unidades para levar à Mattel (empresa que mantinha com o marido), além de mais uma para a filha. A boneca Lilli, era feita de plástico, com pouco menos de trinta centímetros e apresentava as características de uma mulher adulta: sobancelhas arqueadas, olhar lateral, lábios vermelhos e um corpo com pernas longas, seios fartos e cintura estreita. O que ela via era o modelo perfeito para transformar em realidade a boneca que sempre imaginara. Assim, de volta à Califórnia e com várias Lillis em mãos, ela finalmente pôde dar início ao trabalho que mudaria a história dos brinquedos (Geber, 2023).

Jack Ryan, diretor da equipe de pesquisa e desenvolvimento da Mattel, estava prestes a viajar ao Japão e, diante disso, Ruth aproveitou a ocasião para solicitar que ele buscasse um fabricante capaz de produzir uma boneca naquele tamanho. A proposta envolvia a criação de um rosto e de um corpo próprios, esculpido pela equipe, bem como o desenvolvimento de uma linha específica de roupas, ficando a cargo do fabricante apenas a produção da boneca em si (Geber, 2023).

O objetivo era tornar o plástico duro da boneca alemã mais maleável. Contudo, os plásticos macios eram uma inovação e moldar esse material novo, alcançando o nível de detalhe que ela imaginava para o rosto e o corpo era complexo. Encontrar profissionais dispostos a produzi-la em larga escala, com roupas realistas e preço acessível, parecia uma tarefa quase impossível (Geber, 2023). Apesar das dificuldades, Ruth demonstrava confiança na qualidade da produção japonesa. Durante a viagem, Ryan, acompanhado por Frank Nakamura, apresentou a boneca Lilli a fabricantes locais. A recepção inicial, contudo, foi marcada por estranhamento, uma vez que os fabricantes consideraram a aparência da boneca inadequada,

avaliando seus traços faciais e a maquiagem como excessivos e pouco compatíveis com o público infantil (Geber, 2023).

Mesmo diante dessa resistência, Ryan persistiu até encontrar a Kokusai Boeki, uma pequena empresa japonesa especializada na distribuição de brinquedos e outros produtos (Geber, 2023). Embora o equipamento de rotomoldagem utilizado pela empresa fosse simples e próprio para a produção de bonecas de baixo custo, eles trabalhavam principalmente com plásticos duros.

Diante desse obstáculo técnico, os fabricantes japoneses explicaram que, caso a Mattel quisesse realmente produzir aquela boneca tão incomum, seria necessário desenvolver não apenas um novo material, mas também um método de molde mais avançado. Com o aprimoramento dos moldes ao longo do tempo, as primeiras versões ainda não atendiam ao padrão esperado, levando a Mattel a contratar profissionais especializados para ajustar o visual da boneca até chegar ao resultado (Geber, 2023).

Ruth Handler queria nomear a boneca com o apelido da filha, “Babs”, mas tanto ele quanto “Barbara” já tinham direitos autorais. Ao descobrir que “Barbie” estava disponível, registrou o nome imediatamente. Ruth se envolveu tanto no processo que, por vezes, chamava a própria filha de Barbie, algo que a adolescente detestava (Geber, 2023).

Foram necessários cerca de três anos para que a boneca fosse finalizada e, ao longo desse período, a criadora se envolveu intensamente na elaboração das estratégias de marketing. Esse empenho acabou mobilizando a equipe de vendas, que passou a compartilhar do entusiasmo e a confiar na proposta apresentada. Na Feira de Brinquedos de 1959, a boneca foi reconhecida como uma inovação significativa e, embora radicalmente diferente dos modelos existentes, foi compreendida como uma ideia coerente, especialmente por dialogar com o interesse de meninas que apreciavam bonecas de papel (Geber, 2023).

A Mattel apresentou o brinquedo “Barbie: Modelo de Moda Adolescente”. No showroom da Feira de Brinquedos, Ruth demonstrava grande segurança em suas convicções e uma postura determinada ao defender o projeto, característica que também se refletia em sua capacidade de persuadir os demais. Contudo, esse entusiasmo foi sendo abalado à medida que compradores deixavam o espaço sem realizar pedidos, evidenciando a resistência inicial ao produto. Diante da rejeição por parte do mercado e ao reconhecer que as estimativas de produção haviam sido equivocadas, Ruth passou a temer um prejuízo expressivo e, por isso, encaminhou

com urgência um telegrama ao Japão solicitando a redução de quarenta por cento da produção (Geber, 2023)

Mesmo diante das críticas, Ruth manteve a convicção de que meninas aspiravam à vida adulta, sustentando essa ideia a partir de suas próprias experiências pessoais. Ela recorria à trajetória de Ruthie Mosko, identidade que antecedeu seu casamento, marcada pelo forte desejo de trabalhar e conquistar independência. Essa vivência reforçou sua percepção de que a ascensão feminina exigia esforço redobrado, disponibilidade constante e a conciliação simultânea dos papéis de mãe, esposa e profissional, sem que, naquele contexto, o trabalho fosse pensado como uma responsabilidade a ser igualmente compartilhada (Geber, 2023).

A criadora da boneca inspirou-se nas brincadeiras da própria filha, mas o projeto acabou refletindo muito mais suas próprias interpretações de vida. Hoje, essa visão pode ser compreendida como uma forma de supergeneralização, na qual Ruth projetou na Barbie um ideal que desconsiderava as complexidades do mundo real. A sua frase revela, que ela não levou em conta as implicações simbólicas de sua representação, e sua própria narrativa sobre sucesso acabou reforçando a crença de que alcançar o ideal feminino exigiria esforço e sacrifício constantes ignorando, assim, o sofrimento e a exaustão que muitas mulheres enfrentam ao tentar sustentar esse papel.

Essa distorção cognitiva de supergeneralização também se intensificava à medida que as demandas profissionais de Ruth se ampliavam e passavam a ocupar grande parte de seu tempo, o que gerava insatisfação por parte de sua filha. Barbara expressava incômodo com o fato de a mãe trabalhar, especialmente em um contexto histórico no qual o trabalho feminino fora do lar era associado à necessidade e não à escolha. A diferença entre Ruth e as demais mães de seu convívio, marcadas por maior permanência no espaço doméstico, fazia com que Barbara percebesse a mãe como alguém distinta, com comportamentos mais assertivos e públicos, o que reforçava seu desconforto diante dessa diferença (Geber, 2023).

Essa é uma realidade dicotômica em relação ao que se vivencia no século XXI, principalmente no Brasil. Em um contexto no qual o ingresso no mercado de trabalho ocorre cada vez mais cedo, muitas mulheres acabam deixando os filhos sob os cuidados de outras cuidadoras para garantir o sustento da casa, especialmente quando ainda precisam recorrer a atividades extras como forma de complementar a renda.

Assim, acumulam múltiplas funções: chefes de família, mães e profissionais, frequentemente sem a presença ou o apoio de uma figura paterna. Como o dado apresentado do IBGE (2025), que traz que cerca de 52% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres, evidenciando a sobrecarga e a responsabilidade que recai sobre elas na contemporaneidade.

Ruth orgulhava-se de ser uma mulher fora dos padrões de sua época. Trabalhando em um ambiente predominantemente masculino, tornava-se alvo de comentários e boatos, principalmente quando suas ideias não iam tão bem como a da boneca Barbie na feira de brinquedos, existiam críticas, mas ela não se deixava abalar (Geber, 2023).

No entanto, após a decepção com a boneca na Feira de Brinquedos, assim que o verão se aproximou e as crianças ganharam tempo livre, a demanda pela Barbie explodiu. Ruth havia acertado precisamente: a Barbie era um espelho das fantasias infantis e, ao mesmo tempo, um símbolo cultural. Ainda que sua criação se tornasse alvo de debates sobre sexismo e feminismo na segunda onda do movimento das mulheres nos anos 1960, a verdade é que ela materializa uma visão pessoal que desafiou as convenções (Geber, 2023).

Anos depois, como vice-presidente executiva da Mattel, acumulado milhões em vendas, Ruth podia, enfim, expressar plenamente sua visão: "Meninas sonham em terem curvas, serem sexy, excitantes. Elas querem um dia ter roupas deslumbrantes, serem chiques e parecerem estrelas de cinema" (Geber, 2023, p.102).

Segundo ela, a Mattel não criava tendências, apenas refletia os ideais de beleza e comportamento da época. A silhueta da Barbie representava a mulher idealizada dos anos 1950, fruto de uma mídia controlada por homens. Ruth, contudo, não se via como uma militante; era pragmática, se o mundo dizia que as garotas deveriam ser loiras e perfeitas, ela apenas transformava isso em negócio.

Apesar de rejeitar papéis sexistas em sua carreira, reconhecia o quanto ainda estava presa às normas sociais do período. Certa vez, quando questionada sobre o que faria se Elliot tivesse proibido seu trabalho, respondeu, rindo: "Eu provavelmente teria feito tudo mesmo assim" Mais tarde, reconsiderou: "Não sei. Naqueles dias eu tinha sofrido muita lavagem cerebral pelo mundo ao meu redor. Se ele tivesse dito 'não' eu poderia não ter feito nada. Poderia ter me tornado uma pessoa muito infeliz, e nosso casamento poderia ter chegado ao fim um dia." (Geber, 2023, p.102).

Sua vida, como a da própria Barbie, foi um constante equilíbrio entre liberdade e limitação, entre sonho e realidade, um lembrete de que, com coragem e persistência, até uma boneca pode mudar o mundo.

3.2 Trabalho

Longe de ser uma questão individual, a sobrecarga que incide sobre as mulheres constitui um produto direto da desigualdade estrutural que organiza a sociedade e define os papéis de gênero. A divisão sexual do trabalho, que historicamente atribui às mulheres a responsabilidade simultânea pelo cuidado, pelas tarefas domésticas e pela participação produtiva, gera um acúmulo de funções que ultrapassa o limite do esforço razoável. Naturalizada culturalmente, essa sobrecarga limita a inserção plena das mulheres no mercado de trabalho e compromete sua saúde física e mental, perpetuando ciclos de desigualdade que se reproduzem ao longo das gerações (Federicci, 2019).

Nas sociedades contemporâneas, o trabalho ocupa uma posição central na constituição da identidade e da autoestima do sujeito. Contudo, para as mulheres, ele assume uma natureza ambígua: embora simbolize conquista e autonomia, também as insere em uma lógica produtiva historicamente desigual, marcada pela exigência de múltiplas jornadas e cobranças. Desse modo, a inserção da mulher no mercado de trabalho, embora celebrada como um marco emancipatório, resultou na intensificação da sobrecarga física e emocional, uma vez que o avanço profissional não foi acompanhado pela necessária redistribuição equivalente das tarefas domésticas e do cuidado.

Conforme Dejours (2002 apud Reis 2025), o trabalho transcende o ato de produzir, envolvendo a possibilidade de transformação pessoal. Em sua forma ideal, ele oferece ao sujeito um espaço de expressão e plena realização da subjetividade. Contudo, o autor ressalta que, nas dinâmicas contemporâneas de organização, gestão e administração, o trabalho tem se orientado crescentemente pela lógica da rentabilidade e da competitividade, o que implica o sacrifício da dimensão humana e coletiva em prol da eficiência.

Tal lógica fomenta comportamentos individualistas, incentiva a concorrência exacerbada e fragiliza os vínculos sociais, culminando em um cenário de adoecimento

crescente, precoce e multifatorial. Reis (2025) conecta este quadro às desigualdades impostas pela cultura e pela sociedade, que continuam a exigir das mulheres um desempenho constante de produtividade, cuidado e resistência.

Adicionalmente, o discurso contemporâneo que associa realização pessoal ao sucesso profissional reforça uma visão neoliberal da subjetividade, na qual o valor do indivíduo está rigorosamente condicionado à sua capacidade de produzir. Para as mulheres, essa lógica é potencializada pelas pressões estéticas e emocionais, gerando uma forma de sofrimento silenciosa, frequentemente marcada pelo cansaço e pela culpa.

Nesse contexto, o corpo feminino é duplamente cobrado: deve ser produtivo e belo, forte e delicado, eficiente e acolhedor. O trabalho, portanto, transcende a subsistência, tornando-se um marcador de identidade e pertencimento social. Contudo, ao transformar a subjetividade em ferramenta de desempenho, o sistema capitalista cria um ciclo de exaustão e adoecimento, o que evidencia que a emancipação feminina via trabalho ainda é atravessada por contradições estruturais que demandam reavaliação crítica.

Somando a esta análise, Reis (2025) observa que as políticas públicas e programas voltados à saúde da mulher permanecem centrados em aspectos da vida reprodutiva, como maternidade, sexualidade e prevenção de câncer de mama e colo do útero, o que configura uma abordagem limitada. A saúde integral da mulher permanece, portanto, como uma meta ainda distante.

Iniciativas com potencial para um cuidado mais abrangente, como a Estratégia de Saúde da Família e a Atenção Básica, ainda não conseguem atender plenamente à diversidade de demandas que atravessam a experiência feminina. Dessa forma, a universalização e os direitos de saúde são frequentemente comprometidos pela adoção de ações pontuais e de curto prazo, focadas apenas em mulheres em situação de risco, o que perpetua uma perspectiva reducionista e impede a implementação de uma política verdadeiramente integral e emancipatória (Reis, 2025).

O filme estabelece uma alusão direta às desigualdades de gêneros no momento em que Barbie e Ken chegam ao “Mundo Real”, promovendo um contraste incisivo entre a utopia da Barbielândia, onde há o protagonismo feminino, e a dura realidade social, na qual as relações de trabalho e gênero continuam profundamente atravessadas por desigualdades. Ao deixar o universo idealizado, em que a harmonia e o sucesso feminino são naturalizados, Barbie depara-se com olhares invasivos,

assédio e desrespeito. Estes elementos simbolizam a violência cotidiana enfrentada por mulheres em ambientes públicos e nos contextos laborais.

Figura 2 – Barbie e Ken chegam ao mundo real.



Fonte: Barbie, 2023.

No momento em que Barbie e Ken chegam ao Mundo Real, a narrativa marca uma virada importante: pela primeira vez, Barbie percebe olhares que não expressam a admiração ingênua e respeitosa típica da Barbielândia, mas que carregam intenções sexualizadas e invasivas. Confusa, ela pergunta: “Por que eles estão olhando para mim? Eu me sinto meio constrangida... não sei a palavra certa. Eu estou desconfortável, mas é por minha causa. Para mim com certeza tem sugestão de violência.” (Barbie, 2023).

Esse trecho é extremamente simbólico, pois representa o instante em que Barbie entra em contato direto com a experiência cotidiana de muitas mulheres: a naturalização do assédio, a objetificação do corpo feminino e a sensação de estar constantemente sob ameaça, mesmo em situações públicas e aparentemente “seguras”.

A fala de Barbie expõe um mecanismo frequente na vivência feminina: a tendência a responsabilizar a si mesma pelo desconforto, como se o problema estivesse em seu corpo, em sua roupa ou em sua postura, e não no comportamento invasivo dos homens. A cena evidencia como a violência de gênero não se manifesta apenas em atos explícitos, mas também em olhares, gestos e microagressões que produzem medo, constrangimento e insegurança.

Para Barbie, que até então desconhecia essas dinâmicas, o Mundo Real revela um sistema no qual o corpo da mulher é constantemente vigiado, interpretado e sexualizado. Esse sistema, que causa estranhamento na protagonista, faz parte do cotidiano feminino desde cedo.

O filme escancara o abismo entre o imaginário de igualdade e o funcionamento real das estruturas sociais, especialmente nos espaços laborais. Nesses contextos, persistem padrões patriarcais que se manifestam em diferenças salariais, obstáculos à ascensão profissional e tratamentos desiguais entre homens e mulheres.

Ao ingressarem no mercado de trabalho, a rotina das mulheres é frequentemente reorganizada em função das exigências profissionais e das responsabilidades familiares, o que as leva, muitas vezes, a abrir mão de seus próprios interesses, do tempo livre e do autocuidado.

No Mundo Real, o modelo de trabalho está estruturado sobre desigualdades que limitam a autonomia feminina. A licença-maternidade restrita, as demissões por gravidez, o julgamento moral sobre a performance das mulheres no ambiente profissional e o peso da expectativa de conciliar tudo, ser produtiva, cuidadora, bela e equilibrada, tornam-se expressões do mesmo sistema que explora e adocece.

Em 2024, a CNN divulgou dados do IBGE que evidenciam a persistente desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro. Segundo a reportagem, “Mais escolarizadas, mulheres têm menor participação no mercado de trabalho e recebem 21% menos que homens”. Além disso, o levantamento revelou que as mulheres ocupam apenas 39% dos cargos de gerência e continuam sendo as principais responsáveis pelas tarefas domésticas, dedicando o dobro do tempo a essas atividades em comparação aos homens. De acordo com Jefferson Mariano, analista socioeconômico do IBGE, esses dados refletem a dificuldade de contratação de mulheres e o forte preconceito das empresas em relação à maternidade, o que restringe oportunidades e reforça barreiras estruturais (Nakamura, 2024).

A especialista Manu Pelleteiro também comenta o impacto dessa discriminação, explicando que “Algumas empresas vão preferir promover um homem que pretende ser pai no lugar de promover uma mulher, com a mesma qualificação, mas que pretende ser mãe” (Pelleteiro, 2024 apud Nakamura, 2024, não paginado). Essa realidade mostra como o ideal produtivista continua sendo pensado a partir da lógica masculina, na qual o cuidado é visto como obstáculo, e não como parte legítima da vida social.

Essa dinâmica tem afetado diretamente o contexto demográfico, refletido nas taxas de natalidade. Segundo uma reportagem da CNN, o Brasil registrou o menor número de nascimentos em quase 50 anos, de acordo com o IBGE, sendo um dos principais motivos a prioridade dada pelas mulheres ao trabalho e à formação (Agência Brasil, 2025).

A cena do filme que envolve a reunião de Barbie com a Mattel destaca precisamente esses dados, com uma crítica direta às dinâmicas de poder presentes na realidade social. Ao buscar conforto em um ambiente no qual foi criada, imaginando encontrar uma perspectiva diferente da que enfrentou ao longo do dia, em que os homens dominam os ambientes de trabalho e as mulheres não são vistas em nenhum em cargo de liderança, Barbie pergunta: “Já que estou aqui, posso conhecer a mulher que está no comando?”. Ao questionar sobre os cargos de liderança, ela recebe, um a um, a resposta de que cada direção está sob comando de um homem. O jovem Aaron, com humor depreciativo, completa: “Eu sou um homem sem poder, então eu sou uma mulher?”.

Figura 3 – Barbie fugindo dos executivos da Mattel.



Fonte: Barbie, 2023.

A sequência evidencia a persistência da desigualdade de gênero em espaços corporativos, mostrando Barbie diante de uma sala cheia de executivos homens, todos alinhados em uma mesa que simboliza o poder e que não comporta sua voz. O filme deixa claro que decisões importantes continuam a ser tomadas sem a participação

feminina, onde as experiências das mulheres são muitas vezes reduzidas a estereótipos.

A ausência de representatividade não é apenas um elemento cômico, mas uma crítica direta às estruturas patriarcais que definem quem pode falar, quem pode decidir e quem é silenciado. A reação dos executivos, ao tentarem controlar Barbie, que agora apresenta características humanas, como se ela fosse um produto defeituoso que precisa ser corrigido, reflete o esforço histórico de instituições em manter sistemas que moldam, exploram e limitam as mulheres.

Para que os cenários laborais atuais se tornem mais igualitários, Lina Nakata destaca à CNN a importância da conscientização coletiva e da criação de políticas públicas efetivas. Ela reforça que as mudanças serão graduais, uma vez que o trabalho de cuidado está enraizado na cultura social, mas ressalta que ações afirmativas, legislações protetivas e práticas educativas são caminhos possíveis para transformar essa realidade. “A educação das crianças pode fazer a diferença”, conclui Nakata, apontando para a necessidade de repensar os papéis de gênero desde as primeiras etapas da formação social (Nakata, 2024 apud Nakamura, 2024, não paginado).

Além da desvalorização e dos entraves para o crescimento nos espaços de trabalho, a CNN, em março de 2025, expõe também a persistente dimensão de violência que afeta as mulheres: as denúncias de assédio sexual no ambiente laboral aumentaram 16,8% em apenas um ano, passando de 1.281 para 1.497 registros recebidos pelo Ministério Público do Trabalho (Maia, 2025).

Esse salto não apenas revela um número crescente de violações, mas evidencia a distância entre o discurso de igualdade celebrado no Dia Internacional da Mulher (data que a reportagem foi publicada) e a realidade enfrentada diariamente por muitas trabalhadoras que, ao se inserirem no mercado, se deparam com estruturas ainda profundamente marcadas pelo machismo e pela hierarquização de gênero. O ambiente profissional, que deveria acolher, promover autonomia e garantir oportunidades, acaba, muitas vezes, reproduzindo práticas que silenciam as mulheres e limitam seu potencial de desenvolvimento.

No filme, essa dinâmica é representada de maneira metafórica quando Barbie retorna a Barbielândia e se depara com os Kens assumindo o poder após vivenciarem o Mundo Real, transformando o lugar em uma "Kendom" regida pela lógica masculina

estereotipada: um espaço centrado na afirmação do ego, na dominação e na subjugação.

A tomada de controle pelos Kens evidencia como homens, ao se inserirem em sistemas de poder, são estimulados a reproduzir comportamentos hierárquicos, muitas vezes sem perceber que estão apropriando-se de espaços antes construídos coletivamente. A cena funciona como uma metáfora do patriarcado: não é necessário destruir mulheres diretamente; basta reorganizar o ambiente de modo que elas se tornem coadjuvantes, mantendo a autoestima masculina e servindo como plano de fundo para sua ascensão.

Figura 4 – Barbie conhecendo a Kendom.



Fonte: Barbie, 2023.

Ao retornar à Barbielândia, Barbie se depara com os Kens assumindo o comando e transformando completamente o ambiente em uma “Kendom”. Ao notar as drásticas alterações, ela procura as outras Barbies para questionar o que está acontecendo. Para sua surpresa, todas não só concordam com as modificações, mas demonstram apoio às mudanças implementadas pelos Kens.

Nesse momento, Ken realiza um extenso discurso exaltando as diferenças entre o Mundo Real e o universo de Barbielândia, destacando a notabilidade masculina e a naturalidade de homens ocuparem posições de poder. Essa cena funciona como uma crítica direta à internalização das estruturas patriarcais: mesmo mulheres que antes eram líderes, confiantes e autônomas passam a validar mudanças

que favorecem a dominação masculina, evidenciando a profunda penetração da cultura do patriarcado na subjetividade feminina.

A concordância das Barbies com as transformações impostas pelos Kens simboliza como as mulheres, em contextos reais, podem aceitar, se calar ou naturalizar sistemas de desigualdade, reproduzindo normas que limitam sua própria autonomia e reforçam a hierarquia de gênero. Simultaneamente, o discurso do Ken evidencia a naturalização do protagonismo masculino, reforçando estereótipos de competência inerentes aos homens, enquanto as mulheres são deslocadas para papéis secundários ou de suporte.

No Mundo Real, essas dinâmicas de poder se apresentam no ambiente laboral em contextos de assédios, por exemplo. Michelle Heringer, advogada especialista no enfrentamento ao assédio no trabalho, define o assédio sexual como condutas de natureza sexual indesejadas, que podem ser verbais, não verbais ou físicas, criando um clima intimidatório, hostil e ofensivo para a vítima (Heringer, 2025 apud Maia, 2025).

Apesar de sua gravidade, a comprovação dessa violência constitui um dos principais obstáculos para as mulheres, que frequentemente enfrentam um sistema que exige provas sem oferecer meios suficientes para garanti-las com segurança. O ônus da prova recai sobre quem já se encontra vulnerabilizado, tornando o processo doloroso e, muitas vezes, desencorajador.

Heringer destaca que mensagens escritas, gravações de áudio ou vídeo, quando a vítima participa da conversa, testemunhas, registros detalhados dos episódios e até laudos médicos ou psicológicos podem constituir evidências eficazes, porém, reunir esses elementos implica risco, desgaste emocional e exposição (Heringer, 2025 apud Maia, 2025).

Somado a esta vulnerabilidade, o cenário se agrava diante da ausência de punições efetivas aos agressores, o que, segundo a especialista, alimenta a sensação de impunidade e permite que comportamentos abusivos continuem se reproduzindo dentro das organizações (Heringer, 2025 apud Maia, 2025). A falta de medidas disciplinares claras, rigorosas e aplicadas de forma consistente reforça a desigualdade de poderes no ambiente de trabalho, deixando as mulheres ainda mais suscetíveis ao assédio e aos seus impactos.

A consequência é que grande parte dessas violências permanece silenciada, contribuindo para um ciclo contínuo de sofrimento, adoecimento e, em muitos casos,

afastamento do trabalho. Além disso, a escassez de canais de denúncia seguros capazes de garantir anonimato, acolhimento e amparo institucional faz com que muitas vítimas tenham retaliações, exposição ou processos de revitimização (Heringer, 2025 apud Maia, 2025).

Esse silenciamento estrutural não apenas impede a responsabilização dos agressores, como também sustenta relações de poder que naturalizam a vulnerabilidade feminina. Nesse sentido, torna-se essencial compreender o assédio não apenas como uma agressão individual, mas como um mecanismo de poder que organiza hierarquias de gênero e molda a experiência das mulheres no ambiente laboral.

O assédio, sobretudo quando dirigido às mulheres, opera como um mecanismo de poder que reforça hierarquias de gênero e naturaliza a dominação masculina nos espaços de trabalho. Estudos demonstram que o assédio sexual é utilizado para reafirmar posições de autoridade e controlar a presença feminina em ambientes historicamente masculinos, evidenciando que a violência não se restringe ao ato em si, mas se inscreve em um sistema simbólico que legitima desigualdades estruturais (Andrade; Assis, 2018; Lima *et al.*, 2025).

Além de afetar diretamente a saúde mental e o desempenho profissional das mulheres, o assédio contribui para consolidar relações de poder que vinculam o corpo feminino a uma espécie de “função acessória” ao trabalho, reforçando a ideia de disponibilidade permanente. Em sua análise sobre violência de gênero no trabalho, o assédio sexual opera como instrumento disciplinador, que busca enquadrar o comportamento das mulheres segundo expectativas masculinas, transformando o corpo em extensão do ambiente laboral (Pinto *et al.*, 2023).

Essa interpretação converge com a perspectiva de Saffioti (2004), para quem violências simbólicas e assediadoras mantêm as mulheres em posição subalterna ao instituírem o medo, o silêncio e a desvalorização como formas de gestão da força de trabalho feminina. Assim, compreender o assédio como tecnologia de poder permite evidenciar que ele não é um desvio pontual, mas parte constitutiva das estruturas que sustentam a desigualdade de gênero.

O site Radialistas RJ, publicou relatos sensíveis com pseudônimos de onze mulheres que narram histórias de assédio no audiovisual brasileiro. Tais relatos revelam um quadro persistente e estrutural, que transcende funções e níveis hierárquicos. Além disso, um levantamento realizado pelo site Vagas.com em 2015,

citado pelo site Radialistas RJ, já indicava a gravidade do cenário: entre 4.975 profissionais de todas as regiões do país, 52% afirmaram ter sido vítimas de assédio sexual ou moral. Enquanto o assédio moral aparece em proporções semelhantes entre os gêneros, o assédio sexual revela uma desigualdade violenta, com 80% das mulheres sendo vítimas.

A situação torna-se ainda mais preocupante ao se observar o comportamento institucional após as denúncias ou, como mostram os dados, após o silenciamento das vítimas. Entre as pessoas que relataram ter sofrido algum tipo de abuso, 87,5% não denunciaram seus agressores, movidas principalmente pelo medo: medo de perder o emprego (39,4%), de sofrer represálias (31,6%), ou de serem culpabilizadas (8,2%)(Vagas, 2015 apud Radialistas RJ, [s.d.]).

De acordo com um estudo recente feito pela organização Think Eva em parceria com o LinkedIn (Oliveira, 2020), cerca de 47,12% das 414 pessoas ouvidas já passaram por alguma situação de assédio no trabalho. Destas, apenas 5% procuraram o setor de Recursos Humanos para relatar o que aconteceu. Os principais motivos para não denunciarem foram o medo (63,8%), a sensação de impunidade (78,4%) e a impressão de que as políticas existentes não são eficazes (63,8%). De modo semelhante, Hirigoyen (2002) argumenta que comportamentos assediadores funcionam como técnicas de submissão, destinadas a desestabilizar emocionalmente as mulheres e limitar sua autonomia profissional. Assim, o assédio deve ser compreendido não como evento isolado, mas como prática social integrada à lógica de controle dos corpos e das trajetórias femininas.

A vergonha e a sensação de culpa, sentimentos comuns em situações de violência, também estão entre os motivos do silêncio. Esses números ilustram uma realidade perversa: o assédio não se sustenta apenas pela ação do agressor, mas por um sistema inteiro que falha em oferecer segurança, acolhimento e mecanismos efetivos de proteção. No filme *Barbie*, essa insegurança é retratada quando a boneca é vítima de violência até mesmo detida na prisão, sublinhando que a objetificação transcende os limites do espaço laboral.

Figura 5 – Barbie e Ken são presos



Fonte: Barbie, 2023.

Esse debate sobre violência e silenciamento encontra seu ápice na cena em que Barbie e Ken são detidos. Na delegacia, Barbie reage ao assédio de um homem que a toca sem consentimento e lhe dá um tapa, mas, ao se defender, é levada presa com Ken. Mesmo ali, cercada por autoridades, ela continua sendo alvo de olhares invasivos, repetindo a lógica de culpabilização e insegurança que tantas mulheres enfrentam.

É nesse momento que afirma a Ken: “A gente devia arranjar outras roupas”, revelando como o sistema transfere à vítima a responsabilidade pela violência, reforçando o ciclo de vergonha e silenciamento mencionado anteriormente. A tentativa de se proteger por meio da mudança de vestimenta, entretanto, resulta em outra prisão, agora por roubo de roupas em uma loja. Nesta nova situação, Barbie é novamente alvo de comentários assediadores, dos mesmos policiais, reforçando uma crítica contundente: o assédio não é causado pela roupa da vítima, mas pela cultura que autoriza o olhar e o comportamento violento do agressor.

O filme evidencia como a culpabilização das mulheres, especialmente em relação à aparência, é uma prática profundamente enraizada, que se intensifica em contextos de hierarquias rígidas, como os ambientes de trabalho. Tais dinâmicas perpetuam o silenciamento, o medo e a desigualdade.

No âmbito laboral, a mulher que denuncia muitas vezes enfrenta isolamento, descrédito, boatos e até prejuízos profissionais, consequências que tornam a denúncia um risco maior que o silêncio. Este fator explica por que tantas profissionais

do entretenimento entrevistadas pelo site Radialistas RJ exigem total anonimato: sua sobrevivência e a continuidade de suas carreiras depende da manutenção do sigilo.

Meu caso aconteceu quando eu estava em um evento de mercado do nosso setor e fui cumprimentar um cara que conheço há muitos anos, que trabalha na parte institucional do cinema, digamos. Eu me levantei da mesa de reunião em que eu estava para falar oi para ele. Fazia muito tempo que não nos víamos. E quando eu tava saindo, ele deu uma chupada, uma lambida na minha orelha e falou: “Nossa, como você tá gostosa”. Isso agora, eu tenho 55 anos, entende? É uma coisa que ninguém tá livre. Eu achei que quando eu ficasse velha ia melhorar, mas não adiantou, não. Sabe quando você perde o rebolado? Eu não acreditava. Minha orelha ficou até molhada. E eu fiquei transtornada, eram 10 horas da manhã. Era a primeira reunião do dia. Quando eu voltei para minha mesa, voltei meio lesada, perdi o fio da meada do discurso. Você sente várias coisas. Inclusive, vergonha. Na hora que acontece você fica com vergonha, se perguntando o que aconteceu. É muito perturbador. Depois eu pensei: por que eu não dei com a mão na cara desse cara? Lá mesmo? Na frente de todo mundo? E olha que eu nem sou uma mulher fofa. Combinaria comigo dar um tapa na cara dele. Mas até para uma mulher com minhas características, te desarma. Você fica sem reação. É muito louco. Depois nunca mais cruzei por ele, por sorte. Mas eu acho que essas situações estão diminuindo, porque cada vez que acontece um caso e ele é exposto – mesmo que só no setor, não na imprensa –, o outro vai pensar duas vezes antes de fazer de novo. Mas se ninguém falar nada, fica por isso mesmo. Por isso que depois fiquei muito puta comigo de não ter falado nada sobre meu caso na hora, de não ter reagido, de não ter falado ali mesmo. Mas eu não fui capaz. Infelizmente não fui capaz. (Vânia Catani, 55. Produtora de cinema. Radialistas RJ, não paginado).

Esse relato expõe, com força e vulnerabilidade, como o assédio sexual não tem idade, contexto ou “perfil de vítima”: é uma violência que invade o corpo e suspende a autonomia, desarmando até mulheres experientes, seguras e habituadas a ambientes de poder.

A reação paralisada, muitas vezes julgada como fraqueza, é, na verdade, uma resposta fisiológica diante do choque e da violação. Essa experiência demonstra que o assédio não é um evento isolado, mas um mecanismo de controle que visa surpreender, silenciar e envergonhar. A reflexão final da narradora revela um ponto crucial: a culpa recai sobre a mulher, mesmo sendo a vítima, enquanto o agressor permanece protegido pela naturalização dessas práticas. Embora falar e denunciar esses episódios seja um ato de coragem individual, a impunidade ainda prevalece.

Segundo a mesma pesquisa da Radialistas RJ, 74,6% das mulheres que denunciaram afirmaram que o agressor permaneceu na empresa. Esse dado evidencia como as organizações tendem a proteger seus quadros mais poderosos e

influentes, ignorando o sofrimento das vítimas e naturalizando condutas abusivas como parte da dinâmica profissional. Nas indústrias criativas, onde redes de contatos e reputação são essenciais, denunciar um assediador pode significar o fim da trajetória profissional. Muitas mulheres preferem se calar, mudar de ambiente ou desistir de projetos, ao passo que os homens que cometem atos abusivos continuam circulando livremente, acumulando prestígio e influência.

Assim, o problema transcende a esfera individual e se consolida como estrutural: o ambiente de trabalho não apenas falha em proteger mulheres, mas frequentemente premia homens que utilizam do poder para intimidar, coagir ou humilhar colegas. Esse panorama revela que o assédio sexual e moral é a face mais explícita de uma desigualdade mais ampla, conectada à desvalorização histórica das mulheres, à naturalização da violência de gênero e à falta de responsabilização de empresas e instituições.

No setor do entretenimento, marcado por hierarquias rígidas, competição intensa e relações opacas, essas desigualdades se intensificam, mas refletem uma realidade que se repete em diversos segmentos profissionais. O medo das retaliações, somado ao receio de perder oportunidades, explica o ciclo de violência que se mantém por décadas, moldando carreiras, afetando a saúde mental das trabalhadoras e, sobretudo, limitando o potencial criativo e profissional feminino. Diante dessa dinâmica, muitas acabam internalizando a sensação de incapacidade, reforçada pela cultura machista.

Diferentemente da Barbielândia, onde o trabalho é um espaço de autonomia idealizada, no Mundo Real, ele se torna um território de risco, vigilância e desgaste. É um campo onde a busca por reconhecimento convive com o medo constante de ser violentada ou desacreditada. Nesse sentido, as estatísticas citadas não representam apenas números: elas evidenciam um problema estrutural que reforça a sobrecarga feminina e contribui para o adoecimento físico e mental.

Em meio a jornadas exaustivas, desigualdade salarial, múltiplas jornadas e expectativas sociais que recaem quase exclusivamente sobre as mulheres, enfrentar o assédio no ambiente de trabalho se torna uma camada adicional de vulnerabilidade. Os dados reforçam que, embora as mulheres estejam cada vez mais presentes no mercado, sua participação ainda é atravessada por riscos, tensões e obstáculos que colocam em xeque sua segurança, seu bem-estar e até mesmo sua permanência nos espaços profissionais. Superar esse cenário exige políticas robustas, práticas

institucionais de prevenção e, sobretudo, uma mudança cultural profunda que reconheça as mulheres como sujeitas de direito e não como alvos de violência cotidiana.

3.3 Saúde Mental

Estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que cerca de 12% da população mundial apresenta algum transtorno mental. No Brasil, esse índice é ainda mais elevado: dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) apontam que aproximadamente 20% dos brasileiros relatam sintomas de ansiedade ou depressão e, apesar disso, apenas uma parcela reduzida das pessoas afetadas recebe acompanhamento adequado (Weber, 2025).

Além desse quadro, estima-se que cerca de 18 milhões de brasileiros convivam com transtornos mentais graves, ao mesmo tempo em que a taxa de suicídio no país continua a crescer, contrariando a tendência de queda observada globalmente. Esse panorama evidencia tanto as dificuldades de acesso ao diagnóstico e ao tratamento quanto os limites das políticas públicas diante das demandas contemporâneas (Weber, 2025).

Em pouco tempo que a Barbie está no Mundo Real o adoecimento psíquico logo é evidenciado. Na cena em que a protagonista e o Ken chegam à escola do Mundo Real para encontrar a garota Sasha, Barbie relata sentir sintomas comuns à ansiedade: “Eu comecei a ter uma sensação estranha, como se fosse um medo, sem saber do que. O que é isso, ein?”. Uma mulher se aproxima e revela: “É ansiedade, também tenho sabe? Nessa idade eles são horríveis”, referindo-se aos filhos, Ken prontamente discorda do sentimento das duas e afirma: “Eu me sinto incrível”, ao que a mulher responde: “É porque os filhos não descontam nos pais”.

Figura 6– Barbie e Ken conversam com uma mãe na escola



Fonte: Barbie, 2023.

Essa cena evidencia, de forma sutil e poderosa, como a experiência emocional das mulheres é atravessada por responsabilidades e pressões que os homens, muitas vezes, não compartilham. Quando Barbie tenta nomear um desconforto que não compreende, ela toca exatamente no que muitas mulheres vivenciam: um medo difuso, uma ansiedade que nasce da sobrecarga, das expectativas e da culpa constante associada ao trabalho de cuidado.

A resposta da mulher não apenas reforça essa realidade, mas a conecta diretamente à maternidade e às exigências que recaem sobre as mulheres desde cedo. Enquanto isso, Ken, alheio a esse peso, se declara “incrível”, personificado o privilégio masculino de experimentar o mundo de forma mais leve, menos vigiada e menos cobrada. A cena, portanto, revela que o adoecimento emocional feminino não é apenas de ordem individual, mas sim estrutural.

Entretanto, mesmo diante desse sofrimento amplamente compartilhado, o forte estigma em torno do adoecimento psíquico ainda dificulta a busca por ajuda e compromete a continuidade dos tratamentos. Muitas mulheres, atravessadas pela ideia de que precisam suportar mais, ser fortes ou dar conta de tudo, acabam silenciando seus sintomas ou interpretando-os como falha pessoal. Diante disso, torna-se fundamental reconhecer que a saúde mental não se explica por um único

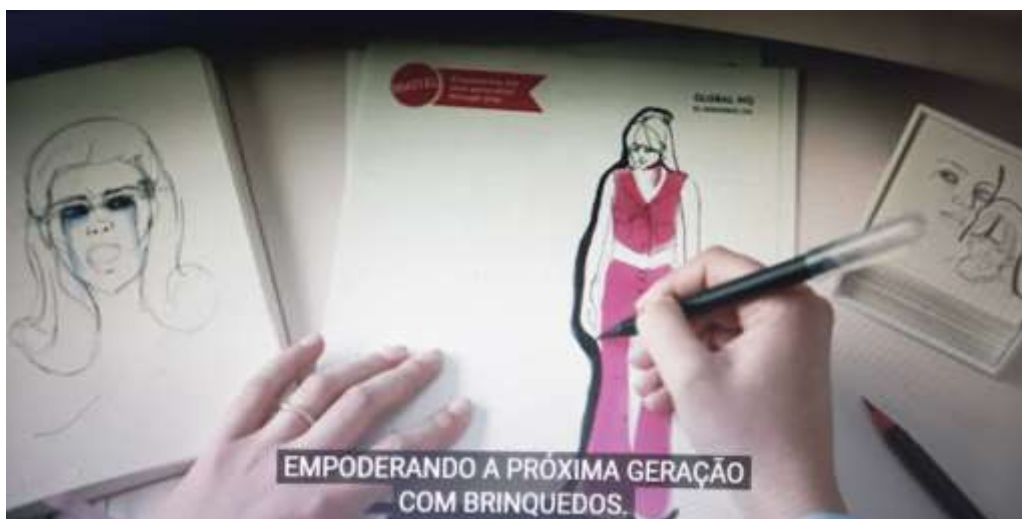
elemento; trata-se de um fenômeno complexo e multideterminado, influenciado pela interação entre fatores sociais, econômicos, culturais e políticos (Weber, 2025).

A saúde mental tem se consolidado como um dos grandes desafios da contemporaneidade, sobretudo em uma lógica social marcada pela valorização excessiva do desempenho, da produtividade e da perfeição, em detrimento do bem-estar subjetivo. A pressão constante para corresponder a padrões de excelência, convertida em discurso organizacional é frequentemente tratada como ideologia, reforça uma coerção permanente à performance, ignorando os limites físicos e emocionais dos indivíduos (Seligmann-Silva, 2001 apud Franco, 2010).

Nesse cenário, tornam-se recorrentes quadros de ansiedade, depressão e esgotamento emocional, produzidos pela competitividade e pela autoexigência que estruturam o mundo atual do trabalho. Essa questão aparece no percurso emocional da Barbie. Ao entrar em contato com experiências humanas como a ansiedade, a imperfeição, o medo e a vergonha, ela passa a reproduzir o padrão de sofrimento e silenciamento que ecoa o vivido por tantas mulheres na vida real.

No filme, esse processo de adoecimento feminino começa a ser explorado com a introdução de Glória, a mulher humana que brinca com a Barbie estereotipada. Em uma cena significativa, o jovem Aaron precisa avisar aos executivos da Mattel que Barbie e Ken chegaram ao Mundo Real. Contudo, ao encontrar Gloria, percebe que ela está desenhando algo “estranho”. Descobrimos que esses desenhos são representações diretas das experiências que a Barbie de Margot Robbie está vivenciando: uma Barbie com pensamentos de morte, outra acometida por celulite e outra paralisada pela vergonha. Todas usam roupas idênticas às vistas nas cenas anteriores, indicando os momentos em que a narrativa desmonta o ideal da boneca perfeita.

Figura 7 – Desenhos de Glória, que retratam a Barbie estereotipada rompendo com o ideal de perfeição da boneca



Fonte: Barbie, 2023.

Esse momento do longa funciona como uma metáfora poderosa da maneira como a exaustão feminina é produzida e internalizada. Glória, uma mulher comum, sobrecarregada e emocionalmente desgastada, projeta na Barbie suas próprias angústias e frustrações, angústias que não são individuais, mas coletivas.

Os desenhos simbolizam o desejo dela de ser representada de forma real por uma boneca que projeta a inclusão e que foi criada para dar voz às mulheres, ou seja, ela deseja que haja uma ruptura do mito da mulher impecável, sempre forte, sempre bonita, sempre estável, revelando as fissuras que aparecem quando o ideal de perfeição já não é sustentável. Ao aproximar o sofrimento da Barbie do sofrimento de Glória, o filme mostra a discrepância do que vendem através da boneca da realidade vivenciada pelas mulheres.

Para as mulheres, os impactos de ambientes laborais adoecedores são ainda mais intensificados pela sobreposição de papéis sociais e pela expectativa cultural de que sejam simultaneamente equilibradas, produtivas e cuidadoras. Além disso, é importante compreender que a psicopatologia da violência ultrapassa as fronteiras do espaço laboral, embora esteja profundamente enraizada nele. Dahlberg e Krug (2006 apud Franco, 2010) lembram que as diferentes formas de violência frequentemente se entrelaçam, sendo a violência psicológica, muitas vezes atrelada à física, uma das expressões mais disseminadas na atualidade.

No contexto do trabalho, a violência se manifesta predominantemente de maneira expressiva, afetando a vida afetiva e o sentido atribuído à atividade laboral (Seligmann-Silva, 1994, 2004; Paparelli, 2009 apud Franco, 2010). Trata-se de um desgaste invisível, porém profundo, capaz de desestruturar subjetividades e desencadear transtornos psíquicos por meio de múltiplos mecanismos e mediações.

Nesse sentido, a retórica contemporânea da excelência, convertida em um ideal absoluto de perfeição e superioridade, revela-se particularmente perversa, pois desconsidera a variabilidade e os limites inerentes aos processos humanos. Ao estabelecer a perfeição como referência universal para materiais, métodos, processos e pessoas, cria-se uma pressão incessante por alta performance que opera como um dispositivo de violência, contribuindo para o adoecimento mental dos trabalhadores (Seligmann-Silva, 2001 apud Franco, 2010).

Nesse cenário, os impactos emocionais das expectativas e cobranças relacionadas ao trabalho doméstico e de cuidado, historicamente naturalizado como responsabilidade feminina, tornam-se profundos e complexos. Enquanto o trabalho produtivo ocupa o centro da vida dos homens, as mulheres se veem obrigadas a mediar constantemente o conflito entre o trabalho remunerado e o reprodutivo, assumindo a centralidade de ambas as agendas (Reis, 2025).

No filme, essa lógica aparece de forma simbólica no percurso emocional da Barbie. Ao entrar em contato com experiências humanas como a ansiedade, a imperfeição, o medo e a vergonha, ela passa a reproduzir o padrão de sofrimento e silenciamento que ecoa o vivido por tantas mulheres na vida real. Quando retorna a Barbielândia e percebe as transformações impostas pelos Kens, Barbie não somente estranha o novo ambiente, mas também se vê tomada por um profundo sentimento de culpa, como se fosse responsável por tudo o que deu errado.

Figura 8 – Barbie se sentindo culpada pela Barbielândia se transformar na Kendom.



Fonte: Barbie, 2023.

A confusão emocional no filme é, na verdade, um reflexo de um mecanismo amplamente observado em contextos patriarcais: a tendência das mulheres a internalizarem a responsabilidade por situações que, estruturalmente, não são de sua autoria. Quando as normas sociais são organizadas de maneira a favorecer os homens e naturalizar sua dominância, qualquer falha, conflito ou desorganização recai simbolicamente sobre as mulheres. Elas passam, então, a se questionarem, se culparem e até duvidarem da legitimidade de suas próprias percepções. Esse fenômeno aponta que a autocrítica exacerbada é um dos efeitos mais duradouros do sistema patriarcal, pois desmobiliza a ação política, fragiliza a autoestima e desloca o foco das estruturas para o indivíduo.

A invisibilidade do trabalho do lar e a falta de reconhecimento geram sentimentos de desvalorização e baixa autoestima, sobretudo quando suas funções são tratadas como “obrigações naturais” e não como trabalho legítimo.

Dados recentes sobre dinâmicas familiares reforçam essa desigualdade: homens que dependem financeiramente de suas parceiras tendem a realizar menos tarefas domésticas; mulheres que trabalham em tempo integral aumentam a carga doméstica quando seus parceiros estão desempregados; e, quando elas ganham mais, a divisão de tarefas torna-se ainda mais desigual, agravando a sobrecarga (Reis, 2025). Esse acúmulo de funções produz uma sobrecarga emocional contínua, capaz de gerar exaustão física e psicológica.

A responsabilidade social pelo bem-estar da família recai majoritariamente sobre as mulheres, o que culmina na “não permissão de pensar em morrer”, metáfora potente sobre o apagamento de si diante das exigências constantes (Reis (2025)). Essa noção teórica encontra um paralelo em uma das cenas emblemáticas do filme *Barbie* (2023): durante uma festa na Barbielândia, espaço de perfeição e controle, a protagonista rompe a euforia coletiva ao perguntar: “Vocês já pensaram na morte?”. O questionamento estabelece uma fissura no imaginário da perfeição e da produtividade feminina, expondo o peso da exigência de ser sempre funcional, feliz e impecável.

Estudos epidemiológicos realizados por Andrade, Viana e Silveira (2006) citados por Santos (2018) evidenciam diferenças significativas entre homens e mulheres quanto à incidência, prevalência e evolução dos transtornos mentais. Embora fatores biológicos exerçam algum papel, são sobretudo as condições sociais às quais as mulheres estão submetidas que ampliam a vulnerabilidade ao sofrimento psíquico.

As manifestações desse adoecimento são visíveis: o surgimento de novas patologias, o aumento dos casos de suicídio, violências no ambiente laboral, a sobrecarga física e mental e a intensificação de práticas abusivas e assédio. Em suma, o autor conclui que as pessoas adoecem porque o próprio sistema de trabalho está adoecido, corrompido pela busca incessante por lucro e pela consequente desumanização das relações, o que aumenta a vulnerabilidade a problemas de saúde física e psicoemocional. Torna-se, portanto, urgente repensar a forma como o trabalho e o cuidado estão distribuídos socialmente e como essas estruturas contribuem para o adoecimento feminino (Reis, 2025).

Assim, cria-se um cenário que favorece o desenvolvimento de depressão, ansiedade, distúrbios alimentares e transtornos associados ao ciclo reprodutivo. As autoras destacam, inclusive, que as mulheres são mais afetadas por transtornos afetivos, ansiosos, dissociativos e alimentares do que os homens (Andrade, Viana e Silveira, 2006 apud Santos, 2018).

Nesse mesmo sentido, a literatura aponta que as tentativas de suicídio também são mais frequentes entre mulheres, especialmente entre donas de casa, domésticas e estudantes (Souza, Minayo; Cavalcante, 2006 apud Santos, 2018). Como ressaltam as autoras, tais episódios são frequentemente motivados por fatores estruturais, como o patriarcalismo, o isolamento no ambiente doméstico, a ausência de redes de apoio

e a violência intrafamiliar, além de diferentes formas de vitimização, incluindo abusos físicos, psicológicos, negligências e violência sexual.

Além disso, as mulheres apresentam taxas mais elevadas de Transtornos Mentais Comuns (TMC), caracterizados por sintomas depressivos e ansiosos, como nervosismo, tristeza, irritabilidade e choro, e por manifestações somáticas, tais como cefaleia, insônia, dor estomacal, cansaço e perda de ânimo. Esses quadros são especialmente frequentes entre mulheres de baixa renda e com menor escolaridade (Araújo, Pinho & Almeida, 2005 apud Santos, 2018), o que reforça a influência das desigualdades socioeconômicas no adoecimento.

Complementarmente, pesquisas de Santos (2008, 2014 apud Santos, 2018) demonstram que o espaço doméstico, onde muitas mulheres passam grande parte da vida, pode representar um importante fator de risco para a saúde física e mental. Entre os elementos que agravam essa vulnerabilidade estão a rotina repetitiva e interminável, o contato constante com produtos tóxicos e objetos perfurocortantes, a ausência de lazer e descanso, a falta de autonomia econômica e, em diversos casos, a repressão sexual ou submissão ao controle do marido, fatores que afetam inclusive a satisfação conjugal.

Diante desse conjunto de evidências, Diniz (2004) citado por Santos (2018), afirma que a saúde mental das mulheres não pode ser compreendida como uma questão individual ou isolada, mas como resultado de uma interação dinâmica entre múltiplos processos. Assim, aspectos biológicos, condições sociais e econômicas, acesso a bens e serviços, diferenças culturais e etárias, vínculos relacionais e marcadores como educação, raça/etnia e classe social se articulam e influenciam diretamente o bem-estar físico e psicológico das mulheres.

Santos (2018), ao investigar a saúde mental de mulheres donas de casa, revelou uma dimensão frequentemente invisibilizada: o mesmo padrão de machismo presente nos ambientes de trabalho também se reproduz dentro das casas. Assim como muitas mulheres enfrentam desigualdades, assédios e silenciamentos no espaço laboral, aquelas que permanecem no ambiente doméstico vivenciam violências semelhantes, muitas vezes praticadas pelos próprios maridos.

Esse paralelismo evidencia um ciclo contínuo de insegurança, no qual as mulheres não encontram garantias de respeito, proteção ou justiça, nem no trabalho, nem no espaço que deveria representar acolhimento e segurança. Na pesquisa na

categoria intitulada “Relações de (des)amor e seus desdobramentos”, Santos reuniu discursos sobre as relações afetivas dessas mulheres.

Assim, verificou-se que a forma como essas relações são significadas pode afetar diretamente a saúde mental das participantes. Dentro desse contexto, o relacionamento conjugal aparece como um eixo central das dinâmicas domésticas. Dos dez relatos analisados, apenas os de duas mulheres, as mais jovens, de 23 e 36 anos, mencionaram experiências de afeto por parte de seus cônjuges. Todas as demais relataram relações marcadas por conflitos, desarmonia, controle e disfunção. Muitas afirmaram, inclusive, que tais dinâmicas contribuíram para afastá-las do espaço público e impediram seu acesso ao trabalho remunerado. No texto é citado:

Ele sentiu muito ciúmes, muito ciúmes quando eu passei a trabalhar, porque eu me arrumava, passava um batom, uma maquiagem, colocava um salto, saia e eu percebia que ele não gostava disso. (P1) Sempre fui submissa. Não tinha respeito. Tinha medo. Sofri igual uma cachorra. Não tive permissão dele nem para me tratar. Ele me reprimia, me sufocava, maltratava com palavras, me diminuiu. Já fui tão torturada com cobranças, com brigas... (P3) Já chorei muito. Ele era danado e namorador quando jovem. Dizia muitas coisas ruins comigo. Eu só aguentava tudo calada. (P7) Me sinto assim, desprezada. Tratada como uma coisa. Pior que empregada. Bater não. Mas tem palavras que doem e machucam muito mais, né? (P9) (Santos, 2018, p. 45).

À luz da Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), observa-se que esses relatos configuram situações de violência doméstica, especialmente psicológica, conforme previsto no art. 7º, inciso II. Trata-se de práticas que geram dano emocional, rebaixamento da autoestima, limitação do direito de ir e vir, controle de decisões, humilhação e isolamento, elementos claramente presentes nos depoimentos analisados. Como aponta a literatura (Diniz, 2011; 2013 apud Santos 2018), tais experiências podem desencadear consequências físicas e psíquicas significativas.

Santos (2018), ao investigar a saúde mental de mulheres donas de casa, evidenciou uma dimensão frequentemente negligenciada: além das múltiplas jornadas e dos inúmeros estressores produzidos pelos ambientes de trabalho, as mulheres também enfrentam, dentro de suas próprias casas, condições que intensificam o risco de adoecimento. Assim, a pesquisa mostra que o lar, tradicionalmente idealizado como um lugar de cuidado e acolhimento, pode tornar-se um dos principais vetores de sofrimento emocional para mulheres donas de casa, aprofundando vulnerabilidades já marcadas pelas desigualdades de gênero.

Esses dados amplamente discutidos na literatura reaparecem, ainda que de forma sutil, na construção do filme *Barbie*. A narrativa utiliza Gloria como ponte entre o mundo humano e o universo da boneca estereotipada, mas deixa pouco explorada a complexa rede de demandas que atravessa sua vida: ser mãe, ser esposa, manter um trabalho e lidar com expectativas que se acumulam silenciosamente. Em uma das cenas mais significativas quando a Barbie e Gloria se conhecem, fugindo dos executivos da Mattel, Gloria desabafa para a filha: “Ai, Sasha, escuta... eu sou só uma mãe chata, com um trabalho chato e com uma filha que me odeia. Dá pra me culpar por querer me divertir?” Esse momento evidencia não apenas o esgotamento da personagem, mas também a forma recorrente como as mulheres tendem a se negligenciar diante das necessidades dos outros.

Essa autonegligência, mostrada no filme através da exaustão emocional de Gloria, dialoga diretamente com o que Reis (2025) denomina “burnout do cuidado”. O termo descreve o desgaste vivenciado por mulheres que acumulam responsabilidades profissionais, domésticas e afetivas sem suporte suficiente. O excesso de tarefas e a pressão para atender a todas as esferas da vida podem resultar em irritabilidade, ansiedade, depressão e até manifestações físicas, como dores crônicas e insônia. Assim, a ficção dá forma a uma realidade amplamente documentada: o adoecimento feminino diante de demandas que ultrapassam qualquer capacidade humana de sustentação.

Essa articulação entre saúde emocional e sobrecarga cotidiana torna ainda mais evidente que os impactos não se limitam ao campo psicológico, mas também atravessam o corpo físico. Em paralelo, estudos internacionais indicam que as doenças autoimunes, que afetam cerca de 3% da população mundial, acomete mais mulheres do que homens, devido a um conjunto de fatores como genética, hormônios, alimentação, exposição ambiental e especialmente estresse, esse dado sugere que as múltiplas sobrecargas às quais as mulheres são submetidas ao longo da vida podem constituir um elemento relevante para sua maior vulnerabilidade a doenças físicas (Reis, 2025).

Em diálogo com o dado, Ramos citado por Reis (2025) aponta que mulheres diagnosticadas com artrite reumatoide frequentemente apresentam uma relação hiperativa e obsessiva com o trabalho doméstico, possivelmente como resposta à baixa valorização social dessa função. Do ponto de vista simbólico, essa experiência revela como sentimento de culpa, raiva, frustração e desesperança, muitas vezes

silenciados ou não autorizados socialmente, acabam sendo incorporados pelo corpo. Assim, o adoecimento feminino se inscreve não apenas na subjetividade, mas também na dimensão biológica, mostrando que cada sobrecarga vivida deixa marcas que ecoam em cada célula (Reis, 2025).

Para além do físico, dados também revelam como essa sobrecarga se apresenta para as mulheres de forma emocional. Reis (2025) apresenta os dados levantados pelo Observatório de Saúde Pública que indicam que, em 2024, as internações hospitalares por transtornos de ansiedade foram o dobro entre as mulheres (67,2%) quando comparadas aos homens (32,8%). Esse cenário afeta principalmente mulheres jovens, especialmente aquelas entre 25 e 34 anos, além de mulheres que se autodeclararam pardas.

A Pesquisa Nacional de Saúde citada por Reis (2025), realizada pelo órgão de estatística em todo o país, revelou que as mulheres relatam adoecer mais do que os homens. Entre as doenças crônicas mencionadas por pessoas com 18 anos ou mais, 22,3 milhões de mulheres declararam diagnóstico de hipertensão arterial, o que corresponde a 26,4% da população feminina, número superior aos 21,1% de homens hipertensos. A mesma tendência aparece nos casos de diabetes: 7,1 milhões de mulheres (8,4%) receberam esse diagnóstico, enquanto entre os homens o total foi de 5,1 milhões (6,9%). Esses dados evidenciam que o adoecimento feminino ultrapassa a dimensão psicológica e se inscreve também em um contexto de adoecimento físico.

O fato de as internações por transtornos de ansiedade serem duas vezes maiores entre mulheres, conforme aponta Reis (2025), revela não apenas uma diferença numérica, mas a expressão de uma realidade marcada por múltiplas exigências. Mulheres, sobretudo, jovens e pardas, experimentam uma combinação de fatores estruturais que ampliam sua vulnerabilidade. O corpo, nessa perspectiva, torna-se o território onde essas tensões se materializam. As doenças, portanto, não são apenas um fenômeno individual, mas o reflexo do choque entre demandas sociais inalcançáveis e a insuficiência de apoio coletivo.

Nesse ponto, Barbie (2023) oferece uma representação simbólica dessas pressões ao mostrar a protagonista entrando em colapso emocional, mas limita-se a uma experiência filtrada pelo corpo idealizado de uma mulher branca, loira e magra. Embora o filme acerte ao visibilizar a exaustão feminina, ele falha ao não incorporar, de forma mais contundente, as vulnerabilidades interseccionais que atravessam

mulheres negras e pardas, que são justamente aquelas mais afetadas por transtornos de ansiedade, gestações precoces, adoecimento físico e desigualdades estruturais. Assim, o filme traz metáforas potentes, porém parciais, incapaz de abarcar a complexidade das experiências que recaem sobre corpos historicamente negligenciados.

Quando as estatísticas mostram que as mulheres relatam mais doenças crônicas, como hipertensão e diabetes, emerge uma compreensão ampliada sobre como o gênero influencia o processo de adoecimento (Reis 2025). Esses números não necessariamente significam fragilidade biológica, mas refletem um cotidiano no qual o estresse contínuo, a carga mental e a responsabilidade desproporcional pelo cuidado repercutem diretamente na saúde. O corpo feminino, historicamente associado ao cuidado dos outros, frequentemente é deixado em segundo plano, e essa negligência, somada às pressões socioeconômicas, aparece nos indicadores de saúde.

Assim, os dados apresentados por Reis (2025) escancaram que o adoecimento das mulheres não pode ser analisado de forma isolada: trata-se de um fenômeno que está enraizado nas relações de poder, no trabalho precarizado e nas expectativas sociais que recaem, de maneira desigual, sobre elas. Esses levantamentos ainda evidenciam que as mulheres apresentam proporções maiores em diversos outros problemas de saúde, como colesterol elevado, asma, dores crônicas na coluna, diferentes tipos de câncer e insuficiência renal crônica.

O destaque, contudo, está nos dados sobre depressão, cuja prevalência entre mulheres é quase três vezes maior do que entre os homens (Reis, 2025). No filme *Barbie* (2023), essa realidade aparece quando a narrativa busca aproximar a trajetória da boneca, lançada em 1961, dos desafios contemporâneos das mulheres. Esse movimento se materializa na cena em que a Barbie estereotipada, símbolo da perfeição na Barbielândia, é afetada ao chegar do Mundo Real, momento a partir do qual surge a “Barbie Depressão”, uma representação metafórica de como aquela figura idealizada passa a expressar emoções humanas e experiências de sofrimento que a boneca não buscava contemplar.

Figura 9 – Propaganda retratada do filme vendendo a Barbie Depressão



Fonte: Barbie, 2023.

Na cena, o filme apresenta a “Barbie Depressão” a partir de uma série de referências às representações midiáticas tradicionais sobre mulheres em sofrimento psíquico. Na propaganda fictícia, a personagem é descrita por meio de seus “acessórios” e de como se deve brincar com ela: aparece vestindo moletom o dia inteiro, passando horas no celular, observando fotos da vida alheia, comendo baganas e assistindo repetidamente ao filme *Orgulho e Preconceito*. O humor é usado como recurso para reforçar esses estereótipos, especialmente quando a propaganda anuncia que ansiedade, crise de pânico e Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) são “vendidos separadamente”.

Para além do gênero feminino, os números de doenças acometidas por mulheres também se intensificam quando tratado sobre raças, Reis (2025) descreve que no período entre 2000 a 2020, verificou-se um aumento das taxas de mortalidade prematura entre mulheres negras (pretas e pardas) e indígenas, evidenciando desigualdades persistentes. Essa disparidade é resultado direto de processos históricos, marcados pelo legado da escravidão e pela permanência do racismo estrutural, que se reflete em menores níveis de escolaridade, piores condições de trabalho e maior vulnerabilidade social para a população negra, sobretudo por mulheres.

Essa desigualdade também se expressa nas internações hospitalares, que aparecem como um dos fatores que ajudam a explicar o aumento da mortalidade. Ao

analisarmos a idade das mulheres e meninas quando foram internadas, observa-se que mulheres pretas (15,9%) e pardas (13,8%) são maioria entre gestantes de 10 a 19 anos, em comparação com mulheres brancas (10,8%). Já nas gestações após os 35 anos, o cenário se inverte: mulheres brancas representam a maior proporção (18%), enquanto negras e pardas permanecem em níveis inferiores (15,9% e 13,9%, respectivamente) (GOV, 2023).

Esse dado revela como, para meninas pretas e pardas, a gestação chega ainda na pré-adolescência e adolescência, interrompendo processos fundamentais de desenvolvimento e impondo responsabilidades que ultrapassam sua etapa de vida. Em vez de vivenciarem plenamente a formação escolar, emocional e social própria da idade, muitas são empurradas precocemente para papéis maternos em um contexto marcado por desigualdades raciais, falta de acesso a direitos reprodutivos e vulnerabilidade social. Essa antecipação forçada da vida adulta não apenas aumenta os riscos de complicações de saúde, refletidos nas internações, como também contribui para o ciclo de adoecimento, exclusão e mortalidade prematura que afeta de forma desproporcional mulheres negras no Brasil.

É importante destacar sobre os dados apresentados por Reis (2025) revelam discrepância pois traz uma estimativa que 12,7% das mulheres façam uso abusivo de álcool, número inferior aos 25% registrados entre os homens. Em relação ao tabagismo, 6,7% das mulheres fumam, frente a 11,8% dos homens, além de manterem hábitos alimentares mais saudáveis, consumindo mais frutas e hortaliças (41% contra 26,2%), o que deveria significar um fator de proteção para as doenças crônicas não transmissíveis. Mas, ainda assim, não é a realidade (Reis, 2025).

Somado aos aspectos já citados também é levantado em questão que as mulheres também são mais expostas a diferentes formas de violência ao longo da vida, o que constitui mais um elemento de risco para o adoecimento físico e psicológico. A Pesquisa Nacional de Saúde aponta que 16,4 milhões de mulheres adultas relataram ter sofrido violência física, psicológica ou sexual, sendo um total de 19,4% da população feminina, número superior aos 17% entre os homens. A prevalência de violência sexual ao longo da vida é particularmente alarmante, sendo 3,6 vezes maior entre mulheres do que entre homens (Reis, 2025).

Nesse contexto, o sofrimento psíquico feminino assume formas particulares. Muitas mulheres vivenciam a exaustão emocional como fracasso pessoal, sem reconhecer que ela é produto de uma estrutura social que naturaliza a sobrecarga e o

autocontrole. O imperativo da felicidade, amplamente reproduzido nas redes sociais e na cultura do autocuidado, mascara as dimensões coletivas do adoecimento, convertendo o sofrimento em problema individual a ser resolvido com mais produtividade ou consumo. Assim, o discurso do bem-estar se torna mais uma ferramenta de controle simbólico, reforçando o ciclo de autoexploração. Reconhecer essa dinâmica é fundamental para pensar a saúde mental das mulheres não como uma questão isolada, mas como resultado de relações de poder e de expectativas sociais que as colocam sob constante pressão para performar a perfeição.

3.4 Autonomia - Escolha pelo Real versus ideal

A autonomia sobre o próprio corpo é um direito fundamental que deve ser garantido a todas as mulheres, permitindo que decidam sobre suas vidas e seus destinos sem interferências externas (Ginsburg, 2016 apud Santos, 2025). A afirmação de Ginsburg destaca, portanto, a importância de reconhecer e proteger a capacidade das mulheres de tomar decisões sobre si mesmas, reafirmando que tal autonomia é essencial para o exercício pleno dos direitos, da dignidade e da participação social. Assim, essa conquista reflete não apenas a individualidade, mas também uma luta coletiva por igualdade de gênero.

Nesse sentido, no contexto da defesa dos direitos das mulheres, reforça-se que “toda pessoa tem direito à autonomia corporal e a viver em segurança”, conforme declara a Diretora Executiva do UNFPA no Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra a Mulher (Unfpa, 2022 apud Santos, 2025). Essa afirmação evidencia, portanto, o compromisso global com a eliminação da violência e com a proteção da integridade física e psicológica das mulheres. Desse modo, a autonomia ultrapassa a igualdade formal de oportunidades e passa a constituir a garantia de que cada mulher possa exercer sua vontade e tomar decisões sem imposições externas, incluindo o direito ao autoconhecimento, à autodeterminação e à liberdade em todas as esferas da vida (Ciolleti, 2022 apud Santos, 2025).

A autonomia corporal, compreendida como a capacidade que cada indivíduo possui de decidir sobre o próprio corpo, insere-se no campo dos direitos existenciais ou extrapatrimoniais (Morais; Castro, 2015, p. 796 apud Santos, 2021). Assim, o poder de cada pessoa sobre seu corpo constitui uma dimensão fundamental da condição humana, pois envolve a própria relação do sujeito consigo mesmo. Desse modo, a

pessoa tem o direito de gerir seu corpo da maneira que considerar mais adequada, desde que essa decisão não contrarie a ordem jurídica nem os princípios éticos e sociais vigentes (Santos, 2021).

Segundo Ciolleti (2022 apud Santos, 2025), a autonomia corporal, é um aspecto fundamental do empoderamento, pois permite que as mulheres decidam sobre seus corpos sem a interferência de normas sociais opressivas. Ademais, essa autonomia não se limita apenas à saúde reprodutiva, mas envolve também a liberdade de viver, decidir e se expressar plenamente. Complementando essa perspectiva, as Nações Unidas ressaltam que o direito à autonomia corporal compreende a capacidade de fazer escolhas sem medo de violência e sem que outra pessoa decida em seu lugar, estando associado ao direito à integridade física e ao direito de viver livre de atos não consentidos (NU, 2022 apud Santos, 2025). Assim, a autonomia promove ambientes mais seguros e condições reais para o exercício das liberdades individuais.

No filme, o processo de construção da autonomia feminina começa a ganhar força a partir do momento em que Barbie, pela primeira vez, confronta a sensação de insuficiência, a percepção dolorosa de “não ser bonita o suficiente, inteligente o suficiente ou boa o suficiente”. Esse deslocamento interno marca uma ruptura importante: a personagem que sempre representou a perfeição passa a experimentar o que significa falhar diante de expectativas inalcançáveis. A partir dessa fissura, o longa prepara o terreno para uma reflexão mais profunda sobre as pressões que moldam a vida das mulheres.

Figura 10 – Monólogo da Gloria sobre Mulheres



Fonte: Barbie, 2023.

Nesta cena, o monólogo de Glória se torna um dos momentos mais emblemáticos do filme, funcionando como um ponto de virada tanto para Barbie quanto para a própria narrativa. Sua fala descreve, com honestidade e precisão emocional, o processo social de construção da identidade feminina e revela como as expectativas irreais tornam esse percurso mais doloroso, exaustivo e paradoxal. Não se trata apenas de frustração individual, mas de um cansaço estrutural, compartilhado por gerações de mulheres. Glória anuncia: “Estou tão cansada de ver a mim mesma e todas as outras mulheres se enrolando para que as pessoas gostem de nós”, explicitando o desgaste coletivo produzido por normas sociais que exigem que mulheres sejam sempre agradáveis, discretas, controladas e perfeitas.

A seguir, seu discurso ganha ainda mais força ao afirmar:

É literalmente impossível ser mulher. [...] Temos que ser sempre extraordinárias, mas, de alguma forma, estamos sempre fazendo errado. Você nunca deve envelhecer, nunca ser rude, nunca se exhibir, nunca ser egoísta, nunca cair, nunca fracassar, nunca demonstrar medo, nunca sair da linha. [...] E acontece que, na verdade, você não só está fazendo tudo errado, como também tudo é culpa sua (Barbie, 2023).

Esse trecho sintetiza o núcleo da contradição feminina contemporânea: a imposição de um ideal inalcançável que exige excelência constante, mas pune qualquer gesto que ultrapasse os limites do aceitável. Com isso, o filme expõe a equação impossível que molda a experiência feminina, ser forte, mas não demais; bonita, mas naturalmente competente, mas sem ameaçar; sempre produtiva, mas sem demonstrar cansaço.

Ao trazer essas tensões à superfície, o monólogo evidencia a distância entre o ideal e o possível. Ele denuncia a lógica que compromete a autonomia feminina, alimenta sentimentos de inadequação e sustenta padrões que aprisionam mais do que libertam. Nesse sentido, humaniza Barbie ao mostrar que até mesmo um ícone de perfeição sofre sob o peso dessas contradições. Simultaneamente, simboliza a ruptura com um modelo de feminilidade rigidamente construído e historicamente reproduzido.

Assim, o monólogo funciona como um dispositivo narrativo e político: convoca conscientização, legitima a vulnerabilidade e abre espaço para formas mais reais e menos idealizadas de ser mulher. É justamente nesse gesto, o de dizer o indizível, que o filme inicia a reconstrução da autonomia feminina, agora marcada não pela perfeição, mas pela capacidade de reconhecer limites, escolhas e contradições. Essa

discussão sobre autonomia simbólica e emocional presente no discurso de Gloria também dialoga com um debate maior e fundamental: o da autonomia corporal enquanto direito humano básico, reforçando que a liberdade feminina só se concretiza quando abrange corpo, emoção, experiência e possibilidade de existir sem a tirania do ideal.

Nesse ponto, torna-se possível compreender que a autonomia, para além de uma dimensão interna e subjetiva, também se articula ao contexto social em que as mulheres vivem e se relacionam. A forma como cada mulher negocia sua liberdade, suas escolhas e seus limites depende, em grande medida, das condições materiais e afetivas que a cercam, bem como das dinâmicas de poder presentes nas interações cotidianas.

Além disso, a conquista da autonomia não se restringe ao plano individual. As transformações sociais e as novas configurações de relacionamentos, que valorizam a igualdade e a comunicação aberta, representam avanços significativos ao desafiar modelos tradicionais que frequentemente relegam as mulheres a papéis secundários (Amaral Filho; Bastos; Fravoline, 2022 apud Santos, 2025). Desse modo, evidencia-se que a autonomia também se constrói nas relações e nas redes de apoio, reforçando a importância da solidariedade entre mulheres na busca por um mundo mais justo e igualitário.

Ao longo do filme, é o discurso de Gloria que impulsiona a solidariedade entre as mulheres e inaugura uma virada significativa na busca por um cenário mais justo e igualitário. Sua fala, ao nomear as injustiças e contradições que atravessam a vida das mulheres, rompe o transe em que as Barbies estavam imersas. A partir desse despertar coletivo, elas reconhecem a força que existe no ato de compartilhar experiências e ouvir umas às outras. Unidas por essa nova consciência, as personagens elaboram um plano estratégico e, juntas, libertam cada Barbie do estado de submissão e alienação em que se encontrava, rompendo com a dinâmica instaurada pelos Kens e restabelecendo a autonomia que havia sido perdida na Barbielândia.

Figura 10 – Barbies comemorando após retomar a Barbielândia



Fonte: Barbie, 2023.

Após unirem forças e recuperarem sua consciência, as Barbies conseguem retomar o controle da Barbielândia. Esse movimento coletivo permite que elas restabeleçam a ordem anterior, recuperem a Constituição e devolvam às mulheres o poder que havia sido tomado pelos Kens. A cena, embora construída de forma leve e simbólica, funciona como uma crítica direta à forma como estruturas de poder podem ser manipuladas, e, sobretudo, ao quanto a união e a organização política das mulheres são fundamentais para a reconstrução de espaços mais igualitários. Assim, o filme evidencia que a transformação social não ocorre de maneira isolada, mas por meio de ações coletivas capazes de reverter processos de dominação e restaurar direitos.

Outro ponto fundamental é compreender a autonomia do corpo feminino exige considerar as intersecções de raça, classe e gênero, pois essas dimensões moldam profundamente as experiências das mulheres. Como destaca Oliveira (2020 apud Santos, 2025), mulheres negras enfrentam opressões múltiplas e específicas que tornam sua luta por autonomia ainda mais complexa. Portanto, a busca pela igualdade não pode ser tratada de forma isolada; ao contrário, deve incorporar as vivências diversas que atravessam a vida das mulheres, tornando a autonomia um projeto necessariamente coletivo e interligado. Nesse sentido, a afirmação da embaixadora da boa vontade do UNFPA, Catarina Furtado, sintetiza essa visão ao declarar que

“não há nada mais transformador para a vida das meninas e mulheres do que o poder de decidir” (Nu, 2022 apud Santos, 2025).

No entanto, ao relacionar essa discussão interseccional com *Barbie* (2023), torna-se evidente que o próprio filme revela limites importantes no que diz respeito à representação de raça, classe e gênero. Embora a narrativa aborde criticamente a pressão pela perfeição e o adoecimento feminino, ela o faz a partir da experiência de uma protagonista branca, loira e magra, justamente o estereótipo de feminilidade historicamente reforçado pela marca. As mulheres negras, ainda que presentes no elenco, aparecem majoritariamente em papéis secundários, o que evidencia como o imaginário construído ao redor da Barbie continua privilegiando corpos e vivências específicas.

Assim, ao mesmo tempo em que o filme critica as exigências impostas às mulheres, ele também expõe a insuficiência dessas narrativas quando não incorporam, de forma plena, as múltiplas camadas de opressão enfrentadas por mulheres negras. A ausência de uma representação centralizada dessas experiências ressalta que a autonomia feminina discutida no filme, embora potente, não é igualmente acessível a todas. Dessa forma, o filme reforça a necessidade de ampliar o olhar para que debates sobre liberdade, dignidade e autonomia contemplem, de fato, a diversidade de mulheres que compõem a sociedade.

Nesse mesmo movimento de ampliação do olhar, torna-se fundamental reconhecer que, mesmo entre as mulheres representadas no filme, a autonomia contemporânea é atravessada por contradições significativas. Embora a luta histórica das mulheres tenha buscado romper com a dependência econômica e simbólica imposta pelo patriarcado, a lógica neoliberal frequentemente confunde autonomia com autossuficiência absoluta e desempenho individual. Como consequência, as mulheres são convocadas a performar papéis idealizados de feminilidade e sucesso, mesmo quando tais expectativas contrariam suas vivências reais. Conforme argumenta Antloga (2020), atribui-se às mulheres uma carga emocional maior, acompanhada de expectativas de docilidade, cuidado e disponibilidade constantes.

Essa tensão entre o ideal e o real também aparece no filme, especialmente quando a narrativa se aproxima do desfecho e procura oferecer caminhos alternativos ao modelo de perfeição imposto às mulheres. Nesse momento, a Barbie Presidente propõe mudanças para a Barbielândia, e, impulsionada por sua filha, Sasha, Gloria dirige aos executivos da Mattel uma sugestão emblemática: a criação de uma Barbie

comum, que não precise ser extraordinária para existir. Ela argumenta que está tudo bem não desejar ser presidente ou ocupar posições grandiosas; às vezes, tudo o que uma mulher quer é vestir uma roupa bonita, sentir-se bem consigo mesma e viver sem a pressão constante de corresponder às expectativas inalcançáveis.

Figura 11 – Sasha incentiva sua mãe a falar sua ideia para executivos da Mattel.



Fonte: Barbie, 2023.

Na cena, o filme reforça que a verdadeira autonomia não se traduz em perfeição nem em produtividade incessante, mas na possibilidade de cada mulher definir sua própria forma de existir, livre de exigências irreais. Do mesmo modo que a Barbie foi criada, nos anos 1960, para representar sonhos considerados distantes da realidade das mulheres daquela época, oferecendo um imaginário de possibilidades que antes lhes eram negadas, a Barbie de 2023 passa a simbolizar um outro tipo de aspiração. Agora, ela não precisa ser extraordinária para ser válida; ela pode realizar o sonho contemporâneo de muitas mulheres: o de viver uma vida possível, digna e boa, sem a obrigação de corresponder a padrões inalcançáveis de sucesso, beleza ou desempenho.

Essa mudança de perspectiva presente no filme dialoga diretamente com a realidade concreta do mundo do trabalho, em que a autonomia feminina segue atravessada por tensões estruturais. Práticas laborais aparentemente neutras revelam desigualdades profundas: escritórios climatizados para o conforto masculino, custos estéticos mais altos para que mulheres atendam aos padrões institucionais de

feminilidade, desigualdades salariais persistentes e impactos desproporcionais da maternidade na carreira, em contraste com o efeito quase nulo da paternidade (Messer, 2013; Tschiedel; Traesel, 2013 apud Antloga, 2020). Diante dessas pressões, as mulheres recorrem tanto a estratégias individuais de enfrentamento quanto a formas coletivas de resistência para preservar a saúde mental e o vínculo com a profissão (Sadock, 2003 apud Antloga, 2020).

Somado a isso, a exigência de manter uma aparência alinhada às normas de feminilidade, que implica acordar mais cedo, gastar mais recursos financeiros e planejar minuciosamente a própria imagem, representa outro fator de desgaste significativo (Molinier, 2002, 2008 apud Antloga, 2020). Esse investimento contínuo consome tempo e energia que poderiam ser destinados ao lazer, ao descanso ou ao desenvolvimento pessoal e profissional (Antloga, 2020).

Nesse contexto de pressões estéticas, emocionais e produtivas que moldam a experiência feminina, o desfecho do filme *Barbie* surge como um contraponto simbólico poderoso. Ele representa a ruptura definitiva com o ciclo de perfeição idealizada que sustentou a boneca por décadas. Após sua conversa com Ruth Handler, criadora que a confronta com a ideia de que ser humana significa criar, errar, sentir e transformar, Barbie escolhe abandonar a condição de ideal para assumir a realidade concreta da existência.

Figura 12 – Barbie escolhe ser humana



Fonte: Barbie, 2023.

No filme sua decisão de tornar-se humana não é apenas uma mudança narrativa, mas uma metáfora para a aceitação da vulnerabilidade, dos limites e da imperfeição que fazem parte da vida. Ao deixar de ser apenas uma representação de possibilidades perfeitas, Barbie passa a experimentar o mundo com todas as nuances que antes lhe eram negadas: emoções, dúvidas, escolhas e até mesmo os cuidados cotidianos com o próprio corpo.

Nesse sentido, a cena final, em que ela vai ao ginecologista, ganha forte potência simbólica, pois sinaliza não apenas a normalização do cuidado com a saúde física, mas também a compreensão de que a autonomia envolve cuidar de si para além do desempenho, do trabalho e das expectativas externas. Assim, o filme encerra reafirmando que uma vida plena não se constrói pela busca incessante de excelência, mas pela capacidade de habitar a própria humanidade.

Dessa forma, ao relacionar a crítica social presente no filme com as demandas reais enfrentadas pelas mulheres, torna-se evidente que a autonomia feminina vai muito além do simples acesso a oportunidades. Ela implica, sobretudo, o direito de existir sem ser medida pela perfeição, de falhar sem culpa e de fazer escolhas que reflitam a realidade e não os ideais inalcançáveis de produtividade, beleza ou desempenho. Assim, a verdadeira autonomia reside na possibilidade de decidir por si mesma, em condições materiais, emocionais e sociais que tornem tais decisões possíveis e realmente livres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa partiu da questão central sobre como Barbie (2023) representa a relação das mulheres com o trabalho e de que modo essa representação se articula ao adoecimento psíquico feminino contemporâneo. Ao longo da análise, foi possível compreender que o filme retoma elementos históricos do imaginário construído em torno da boneca Barbie, marcada simultaneamente por possibilidades expansivas e por expectativas rígidas, e os reinscreve de maneira crítica, revelando tensões que atravessam as experiências femininas no contexto laboral atual.

Os resultados evidenciaram que o conflito entre perfeição e exaustão constitui um eixo fundamental da narrativa. O percurso da personagem expõe as contradições vividas por mulheres que, mesmo inseridas em discursos de empoderamento e autonomia, seguem confrontadas com cobranças incessantes por produtividade, controle emocional e adequação a padrões inalcançáveis. O filme, ao personificar

esses tensionamentos, demonstra como tais exigências contribuem para o desgaste subjetivo e para formas sutis de adoecimento que permanecem silenciadas no cotidiano do trabalho.

A investigação sobre as relações laborais também permitiu observar que o sofrimento feminino não decorre apenas de demandas explícitas, mas de dinâmicas simbólicas, estruturais e estéticas que moldam a vida das mulheres. A análise mostrou que, apesar dos avanços sociais, o ambiente profissional ainda sustenta desigualdades que colocam sobre as mulheres responsabilidades desproporcionais e expectativas contraditórias. Nesse sentido, o filme atua como uma metáfora das pressões contemporâneas, revelando como a busca constante por excelência transforma a autonomia em mais uma forma de cobrança, e não necessariamente de liberdade.

Além disso, a pesquisa evidenciou que *Barbie* (2023) aborda o impacto emocional dessas cobranças, mostrando que o adoecimento psíquico não surge apenas de grandes rupturas, mas também de microviolências cotidianas invisibilizadas. A insegurança, o sentimento de insuficiência, o medo de falhar e a necessidade de corresponder a múltiplos papéis emergem como elementos centrais da experiência feminina, e o filme traduz essas vivências por meio de cenas que alternam fantasia, humor e crítica social. Essa dimensão simbólica permite compreender que o sofrimento feminino no trabalho é, muitas vezes, um efeito direto do excesso de expectativas e da falta de espaço para vulnerabilidade.

Outro ponto significativo identificado no estudo diz respeito à maneira como o filme propõe uma reconstrução da autonomia feminina. Ao final da narrativa, a escolha da Barbie de se tornar humana revela que a liberdade não está em alcançar um ideal de excepcionalidade, mas em poder existir de forma comum, imperfeita e real. Essa mensagem dialoga com debates contemporâneos sobre saúde mental no trabalho, especialmente ao questionar a lógica de que a mulher precisa ser “tudo o tempo todo” para ser reconhecida. Assim, o filme contribui para um deslocamento importante: da performance para a autenticidade, da produtividade para o cuidado consigo, e da exigência para uma presença mais sensível e possível.

Por fim, ao articular autonomia, trabalho e saúde mental, o estudo demonstrou que *Barbie* (2023) oferece uma crítica sensível à promessa de que “é possível ser tudo”. A narrativa evidencia que a autonomia feminina não se resume a escolhas individuais, mas depende de condições materiais e emocionais que tornem essas

escolhas possíveis. Assim, este trabalho alcançou seus objetivos ao mostrar que o filme, para além do entretenimento, funciona como um dispositivo capaz de iluminar contradições sociais e subjetivas, contribuindo para reflexões sobre modos mais humanos e possíveis de existir no mundo do trabalho. A análise, ainda que não esgote o tema, aponta para a importância de repensar os discursos de empoderamento à luz das experiências reais das mulheres, abrindo caminhos para debates futuros sobre dignidade, sensibilidade e autenticidade na construção de vidas menos atravessadas pela exaustão.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cristiane Batista; ASSIS, Simone Gonçalves. Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 43, p. e11, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbso/a/4jH9bBbXyBr49hXPqTJMJs/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov 2025.

ANTLOGA, Carla Sabrina *et al.* Trabalho feminino: uma revisão sistemática da literatura em psicodinâmica do trabalho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 36, p. e36nspe2, 2020.

BARBIE O FILME. **Prime Vídeo**. Disponível em:

<https://www.primevideo.com/detail/Barbie/0GKNEEOK90DYICABAGL9ZQTBTO>.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo / Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. -- São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Morte de mães negras é duas vezes maior que de brancas, aponta pesquisa. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/morte-de-maes-negras-e-duas-vezes-maior-que-de-brancas-aponta-pesquisa>. Acesso em: 15 ago 2025.

CNN BRASIL. **Brasil registra menor número de nascimentos em quase 50 anos, diz IBGE**. CNN Brasil, 16 maio 2025. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/brasil-registra-menor-numero-de-nascimentos-em-quase-50-anos-diz-ibge/>. Acesso em: 24 jun 2025.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FRANCO, Tânia; DRUCK, Graça; SELIGMANN-SILVA, Edith. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista brasileira de saúde ocupacional**, v. 35, p. 229-248, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbso/a/TsQsX3zBC8wDt99FryT9nnj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 ago 2025.

G1. **Maioria dos lares brasileiros são chefiados por mulheres**. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2025/08/03/majoria-dos-lares-brasileiros-e-chefiada-por-mulheres-revela-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 15 nov 2025.

GERBER, Robin. **Barbie e o Império da Mattel**: como a criadora da boneca mais famosa do mundo revolucionou a indústria de brinquedos. 1. ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2023.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio moral**: a violência perversa no cotidiano. Bertrand Brasil, 2002.

IURI, Corsini. CNN Brasil. **Pesquisa aponta mulheres mais preparadas, mas com dificuldade no mercado de trabalho**. 2022 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/pesquisa-aponta-mulheres-mais-preparadas-mas-com-dificuldade-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 15 out 2025.

JAVORNIK, Gabriela Cristina. **Welcome to Barbieland**: uma análise sobre o feminismo como recurso narrativo no universo de Barbie, o filme. 2025. 106f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) -Curso de Comunicação Social,Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2025.

MAIA, Elijonas. **8 de Março**: denúncias de assédio a mulheres no trabalho aumentam 16,8%. CNN Brasil, 08 mar. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/8-de-marco-denuncias-de-assedio-a-mulheres-no-trabalho-aumentam-168/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

MEDIUM. **Campanha da Barbie incentiva a imaginar as possibilidades**. Disponível em: <https://medium.com/fmrp/campanha-da-barbie-incentiva-a-imaginar-as-possibilidades-12e311939486>. Acesso em:15 out 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2012.v17n3/621-626/pt>. Acesso em: 20 set 2025.

NAKAMURA, João. CNN Brasil. **Mais escolarizadas, mulheres têm menor participação no mercado de trabalho e recebem 21% menos que homens, diz IBGE**: Mulheres ocupam 39% dos cargos de gerência e trabalham o dobro em atividades domésticas. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/apesar-de-maior-escolarizacao-mulheres-tem-menores-rendimentos-e-participacao-no-mercado-de-trabalho-diz-ibge/>. Acesso em: 12 ago 2025.

OLIVEIRA, S. **O ciclo do assédio sexual no ambiente de trabalho**. Think Eva 2020. Disponível em: <https://thinkeva.com.br/estudos/o-ciclo-do-assedio-sexual-no-ambiente-de-trabalho/>.

PEREIRA, Ana Letícia Guedes; DA COSTA NETO, Gabriela; LEITE, Maria Sandra Araújo. Barbie: análise fílmica sob a ótica de vygotsky. **Facit Business and Technology Journal**, v. 3, n. 46, 2023. Disponível em: <https://revistas.faculdedefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/2522/0>. Acesso em: 20 out 2025.

PINTO, Gabrielle Fernanda Rocha et al. Desigualdade de gênero no trabalho: um olhar sobre os direitos trabalhistas das mulheres. **Humanidades em Perspectivas**, v. 5, n. 11, p. 20-37, 2023.

REIS, Michella Paula; BASTOS, Jane Aline Souza; ANTLOGA, Carla Sabrina. Uma análise sobre trabalho e adoecimento feminino. **Saúde Coletiva (Barueri)**, v. 15, n. 94, p. 15341-15356, 2025.

REVISTA LIVRE DE CINEMA. **Sobre a revista**. Disponível em: <https://www.relici.org.br/index.php/relici/about>. Acesso em: 20 set 2025.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. Ministério Público do Estado da Bahia, 2004. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras-digitalizadas/questoes_de_genero/safiotti_heleieth_-_genero_patriarcado_e_violencia_1.pdf. Acesso em: 25 nov 2025.

SANTOS, Ana Carla Nunes do Nascimento. Corpo e autonomia: em contexto feminista. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 6, n. 1, p. 1–18, 2025. DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3697. Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/3697>. Acesso em: 24 nov. 2025.

SANTOS, Franciele Barbosa; DE OLIVEIRA, Lillian Zucolote; DE OLIVEIRA, Lourival José. Violação a autonomia corporal e reprodutiva da mulher no Brasil: necessidade de reforma da Lei n. 9.263/96. **Conhecimento & Diversidade**, v. 13, n. 31, p. 42-54, 2021. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/8130. Acesso em: 05 ago 2025.

SANTOS, Luciana da Silva; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. **Saúde mental de mulheres donas de casa**: um olhar feminista-fenomenológico-existencial. *Psicologia clínica*, v. 30, n. 1, p. 37-59, 2018.

SILVA, Tulio Rosa da. Fundamentos da análise fílmica: um breve panorama teórico metodológico. **Revista Livre de Cinema**, v. 11, n. 4, 2024.

SOUSA, Aléxia Gianni da Fonsêca. **De Barbie à Barbara**: uma análise das experiências psicossociais das mulheres a partir do filme “Barbie” (2023). 2024. 25 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Bacharelado em Psicologia) - Universidade Estadual do Piauí, Teresina-PI, 2024.

THINK OLGA. **Esgotadas**. Think Olga Lab. Disponível em: https://lab.thinkolga.com/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=p_sqLAB&gad_source=1&gad_campaignid=21358240015&gbraid=0AAAAAqMr5vkPoQhza88YbZkiZmHEwd0VW&gclid=Cj0KCQiAoZDJBhC0ARIsAERP-F8Y_vNzizXxifoYQSYYP6WGGQsfGed6eQwHT0Ds-nUHDQobns8pPPQiAaAtACEALw_wcB. Acesso em: 16 jun 2025.

TRABALHADORES DE RADIO & TVRJ. **Onze mulheres contam suas histórias de assédio no audiovisual brasileiro**. Disponível em: <https://www.radialistasrj.org.br/noticias/onze-mulheres-contam-suas-historias-de-assedio-no-audiovisual-brasileiro/>. Acesso em: 15 dez 2025.

WEBER, César Augusto Trinta; DA SILVA, Antônio Geraldo. Saúde mental no Brasil: desafios para as políticas públicas e legislação. **Debates em Psiquiatria**, v. 15, p. 1-11, 2025.

YOUTUBE. **Grupo Boticário | Pacto Skincare Responsável**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uW_Y8xLOlps. Acesso em: 01 out 2025.